



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS**

WERLAYNNE KELLY ANACLETO QUARESMA ESTRELA

LITERATURA E CINEMA: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS COM CONTOS DE FADAS

CAJAZEIRAS – PB

2016

WERLAYNNE KELLY ANACLETO QUARESMA ESTRELA

LITERATURA E CINEMA: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS COM CONTOS DE FADAS

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Estudos Literários da Unidade Acadêmica de Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de Especialista em Estudos Literários.

Orientadora: Profa. Dra. Daise Lílian Fonseca Dias

CAJAZEIRAS – PB

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

E8231 Estrela, Werlayne Kelly Anacleto Quaresma
Literatura e cinema: sequências didáticas com contos de fadas. /
Werlayne Kelly Anacleto Quaresma Estrela. - Cajazeiras, 2016.
59p.; il.
Bibliografia.

Orientador: Profa. Dra. Daise Lilian Fonseca Dias.
Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) UFCG/CFP,
2016.

1. Literatura-ensino. 2. Literatura-cinema. 3. Cinema-sala de aula.
4. Contos de fada-cinderela. I. Dias, Daise Lilian Fonseca.
II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação
de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 82:37

WERLAYNNE KELLY ANACLETO QUARESMA ESTRELA

LITERATURA E CINEMA: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS COM CONTOS DE FADAS

Aprovada em ____/____/2016

BANCA EXAMINADORA

Daise Lillian F. Dias

Profa. Dra. Daise Lillian Fonseca Dias (UFCG) - Orientadora

Elinaldo Mendes Braga

Prof. Ms. Elinaldo Mendes Braga (UFCG) - Examinador

Fabiano Gomes da Silva

Prof. Ms. Fabiano Gomes (UFCG) - Examinador

Francisco Francimar de Sousa Alves
Prof. Dr. Francisco Francimar de Sousa Alves (UFCG) - Suplente

A palavra do Senhor nos diz em Romanos 8.37:
Mas em todas estas coisas somos mais do que
vencedores, por aquele que nos amou.

À minha filha Latifa, por ser minha maior fonte de inspiração e pelo amor incondicional que me dedica.

COM AMOR, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo fôlego da vida e pela sua infinita misericórdia.

À Profa. Dra. Daise Lílian Fonseca Dias, que fez bem mais que orientar este trabalho, fez a diferença na minha vida, sendo usada por Deus para me orientar em todos os momentos.

Aos professores da UAL\CFP\UFCG que, com muita dedicação passaram para nós os conhecimentos por eles adquiridos através do amor à Literatura.

À minha Vó Zefinha, que com muito amor e carinho me criou e me orientou na minha caminhada, sempre preocupada comigo; não se cansava de cuidar de mim. Sou muito grata a Deus por sua vida.

Ao meu companheiro e marido amigo, Joel Estrela Lopes, que sempre me apoiou e soube compreender minha ausência.

Aos meus pais que não mediram esforços para que eu tivesse uma educação de qualidade.

Às minhas irmãs, Wskla, Wennia e Waleska por cuidarem da minha filhinha com tanto amor e carinho.

Aos meus amigos, em especial: Rosiane, Ilza, Heristhon, Larissa, Ana Paula, Juliana, Wennia e Luana, por compartilharem comigo as angústias e as alegrias nessa caminhada estudantil.

Aos todos os meus colegas de sala (da Pós-Graduação) pela maravilhosa companhia durante todo esse tempo.

RESUMO

RESUMO: O objetivo desta pesquisa é oferecer meios para facilitar o letramento literário em sala de aula, ressaltando a importância do professor para o êxito desse processo. Para promover o ensino de literatura, será proposto que se utilize de adaptações cinematográficas de obras literárias, em especial do conto de fadas *Cinderela*, como forma de resgatar o interesse pelo texto original. Será feito um resgate da importância dos contos de fada para atrair a atenção dos alunos, por serem textos curtos e de uma identificação com a vida dos alunos, e demonstrar-se-á, através das adaptações fílmicas, que os contos de fadas têm uma importância fundamental para o desenvolvimento intelectual da criança. O cinema é veículo atraente para um resgate dos contos de fadas para os alunos, visto que as obras mais adaptadas para o cinema na atualidade são contos de fadas, e esse dado deve ser levado em consideração quando se trata também do seu uso na sala de aula. Por fim, será feita a proposta de uma sequência didática, utilizando-se da interface entre literatura e cinema, com o filme *Cinderela* (2015), o qual servirá como uma proposta para a promoção do letramento literário.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Cinema, Conto de Fada, Sequência Didática.

ABSTRACT

The objective of this research is to offer ways in order to facilitate literary literacy in the classroom, highlighting the importance of the teacher to the success of this process. To promote the teaching of literature, it will be proposed the use of film adaptations of literary works, specially the fairy tale Cinderella, as a way of stimulating student's interest by the original text. It will be discussed the importance of fairy tales to attract student's attention, since they are short and students can relate themselves to the story, and it will be shown, through film adaptations that the fairy tales have a fundamental importance for the intellectual development of children. The cinema is an attractive vehicle to the raising of interests on fairy tales and this data should be taken into consideration when it comes to its usage in class. Finally, it will be proposed a didactic sequence based on the interface literature and cinema with the movie *Cinderella* (2015) that will work as a proposal to promote literary literacy.

KEY-WORDS: Literature, cinema, fairy tales, didactic sequence.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. LEITURA E LITERATURA NA SALA DE AULA	13
1.1. QUESTÕES DE LITERATURA E ENSINO	13
1.2. A LITERATURA E OS CONTOS DE FADAS	21
2. LITERATURA E CINEMA	25
2.1. LITERATURA E CINEMA: QUESTÕES DE ENSINO	25
2.2. CONTOS DE FADAS NO CINEMA E NA TELEVISÃO	32
3. PROPOSTA DE SEQUENCIA DIDÁTICA	39
3.1. CONCEITOS E DEFINIÇÕES DE SEQUENCIA DIDÁTICA	39
3.2. SEQUENCIA DIDÁTICA: CINEMA E LITERATURA	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	57
FILMOGRAFIA	59
WEBLIOGRAFIA	59

INTRODUÇÃO

Esta monografia busca oferecer meios facilitadores para o ensino de literatura, utilizando o cinema como uma relevante ferramenta, fazendo um resgate da importância da leitura do texto e também da leitura de mundo, e para o melhor desempenho do professor na sala de aula, propõe uma sequência didática. A proposta que será desenvolvida é direcionada aos alunos do ensino fundamental II, do 8º e 9º ano. Esta etapa de aprendizagem é a mediadora entre a infância e a adolescência, de modo que os alunos estão em fase de descoberta, em busca de sua identidade e, travando seus primeiros contatos com a literatura na escola. Sendo assim, a literatura pode ser tratada pelos docentes como uma inspiradora fonte de desenvolvimento e crescimento intelectual. A obra escolhida para a pesquisa é o conto de fadas *A gata borralheira*, na versão do escritor Charles Perrault, e a adaptação cinematográfica *Cinderela* (2015).

As obras literárias são fontes de inspiração para muitas adaptações cinematográficas, as quais são, em sua maioria, releituras de vários clássicos da literatura e de obras modernas. Há um grande interesse dos alunos pelas obras audiovisuais, portanto, proponho aqui um trabalho que utiliza esse interesse pelos filmes e a crescente produção cinematográfica, com inspiração em contos de fadas, para promover um ensino atraente e eficaz de literatura em sala de aula.

Acredito que o ensino de literatura através do cinema deve ser visto como facilitador do gosto pela leitura. Quando o aluno tem o primeiro contato com a obra adaptada para o cinema, em geral, isso desperta no aluno a curiosidade em ler a obra original, o mesmo ocorre quando o aluno lê o livro e sabe que há uma versão fílmica da mesma, o que promove o interesse pela obra naquela outra linguagem e mídia.

Estruturalmente, o presente trabalho é constituído por três capítulos. No primeiro deles, trato da importância da leitura de forma geral, da leitura do texto literário, a importância também da leitura de mundo que os alunos fazem de sua realidade; apresento um resgate sobre a importância da leitura, da necessidade do professor instigar e motivar os alunos a tomar gosto por ela. Proponho, inicialmente, que os contos de fadas sejam utilizados para instigar o interesse pela leitura, por se tratarem de textos curtos e que tem uma peculiar semelhança com a vida do aluno, no sentido de relatar certas experiências humanas com as quais ele se identifica.

No segundo capítulo, apresento o embasamento teórico sobre o ensino de literatura através do cinema e televisão. Analisei a importância dos contos de fadas para a vida do aluno e as suas adaptações para o cinema e televisão. Levando em consideração o ensino de literatura através do cinema como uma estratégia para levar os alunos ao texto literário, será feita a análise da conto *Cinderela* e da sua adaptação fílmica, *Cinderela* (2015).

No terceiro capítulo, apresento o embasamento teórico sobre sequência didática, com os seguintes questionamentos: o que é? qual a importância dela? É uma proposta para se trabalhar a literatura seguindo o modelo de sequência didática. O trabalho baseia-se, principalmente, nas reflexões

de Cosson (2014) sobre letramento literário e sequência didática, com suas estratégias de ensino de leitura, literatura e produção textual, além da contribuição de outros autores.

Ressalto que tudo o que será proposto configura-se como sugestão, sobretudo porque a aplicação de qualquer proposta didático-pedagógica deve ser ancorada na realidade de cada sala de aula. Portanto, a sequência aqui proposta é um instrumental possível para que o aluno possa desenvolver sua capacidade leitora e adquirir outras, utilizando-se do texto literário.

1 LEITURA E LITERATURA NA SALA DE AULA

1.1 QUESTÕES DE LEITURA E ENSINO

A leitura é considerada uma atividade cognitiva muito complexa e que requer a ação de muitas habilidades interdependentes para que seja efetivada com sucesso. É um instrumento que auxilia o indivíduo na construção da autonomia e da cidadania, que o faz se posicionar diante das questões do cotidiano e fazer uma crítica da sua realidade atuando de forma consciente sobre ela. Neste sentido, a escola é a principal organização que possibilita a formação desse leitor atuante, crítico e proficiente.

Na perspectiva da escola, o ensino da leitura é fundamental para a aprendizagem em todas as disciplinas. Pode-se considerar a leitura como o instrumento principal para a aprendizagem; para a informação; para o acesso ao conhecimento científico; para a inserção do indivíduo no mundo letrado. A este respeito, Barbosa (1994, p. 28) destaca:

A questão da aprendizagem da leitura é a discussão dos meios através dos quais o indivíduo pode construir seu próprio conhecimento, pois, sabendo ler, ele se torna capaz de atuar sobre o acervo de conhecimento acumulado pela humanidade através da escrita, e desse modo, produzir, ele também, um conhecimento.

A exigência de que se forme alunos que dominem o ato de ler e que desenvolvam a habilidade do aprender a ler se dá pela participação do professor, em múltiplas atividades de linguagem. Diante disso, vale salientar que o desafio de incentivar o discente ao hábito da leitura está diretamente relacionado a uma série de desafios e questionamentos que vão desde a forma clara, objetiva de abordagem da leitura até forma de atrair esses alunos para esse hábito e, conseqüentemente, torná-los um bom escritor.

Refletir sobre a leitura é assumir o compromisso de que ensinar a ler é contribuir para o exercício da cidadania em todo um contexto social e cultural, pois através da leitura o sujeito se torna um agente transformador da sua realidade. Portanto, ensinar é dar condições ao estudante para que se aproprie do conhecimento historicamente construído e se insira nessa construção como produtor de conhecimentos. E só será possível atingir esse objetivo quando a leitura fizer sentido para o aluno.

De acordo com Brasil (2011, p. 54):

A leitura na escola tem sido, fundamentalmente, um objeto de ensino. Para que possa constituir também objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para

ao aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder do seu ponto de vista, os objetivos de realização imediata.

Por se tratar de uma prática social, a leitura precisa ser trabalhada com a diversidade de objetivos e modalidades que a caracterizam. Se o objetivo da escola é formar cidadãos capazes de fazer a “leitura de mundo” compreendendo os mais variados tipos de textos, se faz necessário um trabalho com práticas de leituras eficazes. Portanto, o trabalho com a diversidade textual é o caminho para a formação de leitores capazes de compreender o mundo que o cerca. Os avanços no campo teórico e as novas concepções de conhecimento sobre as formas e os processos de ler e escrever deve conduzir o professor à reflexão, à discussão de como acompanhar esse ritmo acelerado de desenvolvimento social.

Martins (1994, p. 31) enfatiza que,

As inúmeras concepções vigentes sobre leitura, grosso modo, podem ser sintetizadas em duas características: 1. Como decodificação mecânica de signos linguísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta (perspectiva behaviorista-skinneriana); 2. Como processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitiva- sociológica).

A primeira concepção aponta a leitura apenas como algo mecânico, “ler por ler”, sem significado para o indivíduo. A segunda, aborda a leitura com maior amplitude envolvendo vários aspectos relacionados a esse processo. Segundo Martins (1994), as reflexões acerca da leitura não pretendem chegar a respostas, regras ou receitas prontas. O propósito é avaliar aspectos básicos desse processo. A autora ainda cita três níveis básicos de leitura: sensorial, emocional e racional.

A leitura sensorial dá privilégio ao tato, a audição, o olfato e o gosto. Esse tipo de leitura começa muito cedo e vai acompanhando o leitor por toda a vida, dando o conhecimento do que ele gosta ou não. A leitura emocional lida com os sentimentos caracteriza-se num processo de participação afetiva de leitor que provoca satisfação ou, ao contrário, desencadeia angústia podendo levar à depressão. Enquanto passatempo, essa leitura revela que o leitor se entrega ao universo apresentado no texto, desligando-se do mundo exterior. A leitura racional está relacionada com os outros níveis e permite abrir novos horizontes para o leitor ampliando as possibilidades de leitura do texto e da própria realidade social no qual se realiza. É vista como um processo de compreensão no qual o leitor participa com suas capacidades a fim de aprender as mais diversas formas de expressão. Salientando

que a leitura racional tem seu caráter reflexivo e dialético e acontece de forma permanente e atualizada.

É importante considerar que nos últimos anos houve significativa redução uma redução no índice de analfabetismo no Brasil. Vários fatores contribuíram, entre tantas pode ser citado o aumento de vagas nas escolas. Contudo, uma publicação de 2004 em que se analisam os resultados do Saeb/2001, o Inep afirma que,

O problema é que no Brasil, somente um percentual muito baixo de estudantes atinge o patamar adequado. Apenas 5,3 % dos estudantes apresentam um nível de proficiência condizente com onze anos de escolarização, constituindo-se leitores competentes em relação a diversos tipos de texto (BRASIL, 2012, p. 19).

Porém, apesar dos alunos passarem mais de 11 anos na escola, eles não desenvolvem habilidades de leitura suficientes para o nível de letramento desejado. Isso mostra a deficiência existente nas escolas e a necessidade de que seja repensada uma prática que mude essa realidade, já que são cidadãos e estão inseridos numa sociedade letrada e que exigem deles tal comportamento. Daí surgem então, os analfabetos funcionais que não conseguem utilizar a leitura no meio social no qual estão inseridos para enfrentar as exigências do mundo contemporâneo. Matta (2009, p. 98) reforça esta questão afirmando que:

Pessoas que se alfabetizam não necessariamente incorporam a prática de a leitura da escrita na sua vida, ou seja, apesar de passarem pelo nível de alfabetização e serem considerados alfabetizados, não têm competência para utilizar a leitura e a escrita no meio social letrado.

Portanto, tem-se no Brasil um problema com o letramento do aluno e não com a sua alfabetização. Não se pode negar que esse processo é bem mais amplo embora esteja intimamente ligado ao código de escrita, lembrando que “O letramento abrange a capacidade de o sujeito colocar-se como autor (sujeito) do próprio discurso, no que se refere não só à relação com o texto escrito, mas também à relação com o texto oral [...]” (BRASIL, 2006, p. 10).

Quanto a isso, Brasil (2001, p. 55) ainda destacam:

A concepção tradicional de que aprender a ler é simplesmente conhecer as letras e transformá-la em sons, precisa ser superada, pois se a escola continuar mantendo essa concepção continuará produzindo grande quantidade de leitores capazes de decodificar qualquer texto, mas com enorme dificuldade para compreender o que tentam ler.

Porém, a maneira mais eficiente para ensinar a ler está no envolvimento do alunado em práticas de leitura que desenvolvam as competências e habilidades de leitura e escrita. Já houve tempo em que para ser considerado alfabetizado bastava-se saber escrever o próprio nome. Mas com a nova sociedade contemporânea, há a necessidade de mudanças nessas concepções. Em 1958, a UNESCO constatou em seus estudos que apenas escrever o nome não era suficiente para ser considerado alfabetizado, alegando que codificar e decodificar palavras escritas, não fazia desses cidadãos, sujeitos capazes de envolver-se com as práticas sociais.

Um dos problemas que envolvem tais questões é debatido por Martins (1994, p. 23):

Apesar de séculos de civilização, as coisas hoje não são muito diferentes. Muitos educadores não conseguiram superar a prática formalista e mecânica, enquanto para a maioria dos educandos aprender a ler e escrever se resume a decoreba de signos linguísticos, por mais que se doure a pílula com métodos sofisticados e supostamente desalienantes.

Assim, apesar da leitura ser pauta de questionamentos, ainda persiste o analfabetismo, sobretudo porque para os antigos estudiosos - que registram a pretexto da crítica -, ler e escrever eram privilégios de poucos. Para eles, o aprendizado acontecia de forma rígida e se caracterizava pela “decoreba”, soletração, decodificação até chegar à leitura de textos contínuos. Por volta de 1990, surge, então, o conceito de “analfabetismo funcional”. Esse termo era usado para designar as pessoas que sabiam “ler”, mas não conseguiam fazer uso desse instrumento na sua vida cotidiana, ou seja, apenas decodificavam códigos. Já estava surgindo a concepção de que ler era muito mais que aprender o valor sonoro das letras, juntar sílabas ou frase “A partir da década de 1980, várias teorias mostram que o aprendizado da leitura não se reduziria ao domínio de correspondência entre grafemas e fonemas (a codificação e decodificação) [...]” (SOARES, 2010, p. 36).

Acerca do processo de alfabetização, Cagliari (1998, *apud* SOARES, 2010, p. 36) observa:

O processo de alfabetização inclui muitos fatores e, quanto mais ciente estiver o professor de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, de como uma criança se situa em termos de desenvolvimento emocional, de como vem evoluindo o seu processo de interação social, da natureza da realidade linguística envolvida no momento em que está acontecendo a alfabetização, mais condições terá o professor de encaminhar de forma agradável e produtiva o processo de aprendizagem, sem os sofrimentos habituais.

Diante disso, deve-se considerar que as competências e habilidades de leitura e envolvidas no contexto de letramento estão totalmente dependentes da vida cultural o do grupo ou da comunidade na qual o indivíduo está inserido, tornando essas atividades práticas variáveis e diversificadas. Diante dessa variedade e diversidade, surge o conceito de letramento: “letramento é o resultado de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura; é o estado ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriados da leitura e de suas práticas sociais” (BRASIL, 2001, p. 25). O conceito de leitura geralmente está ligado à decodificação de códigos, por outro lado, a sua aprendizagem esta intimamente ligada ao processo de formação do indivíduo e a sua inserção social, política e cultural.

Ao discorrer sobre o processo de leitura, Freire (2006, p. 32) disserta:

Os alunos não tinham que memorizar mecanicamente a descrição do objeto, mas apreender a sua significação profunda. Só apreendendo-a seriam capazes de saber, por isso, de memorizá-la, de fixá-la. A memorização mecânica da descrição do elo não se constitui em conhecimento do objeto. Por isso, é que a leitura de um texto, tomado como pura descrição de um objeto é feita no sentido de memorizá-la, nem é real leitura, nem dela portanto resulta o conhecimento do objeto de que o texto fala. Creio que muito de nossa insistência, enquanto professoras e professores, em que os estudantes “leiam”, num semestre, um sem-número de capítulos de livros, reside na compreensão errônea que às vezes temos do ato de ler. Em minha andarilhagem pelo mundo, não foram poucas as vezes em que jovens estudantes me falaram de sua luta às voltas com extensas bibliografias a serem muito mais “devoradas” do que realmente lidas ou estudadas. Verdadeiras “lições de leitura” no sentido mais tradicional desta expressão, a que se achavam submetidos em nome de sua formação científica e de que deviam prestar contas através do famoso controle de leitura.

A abordagem feita por Freire mostra a importância do ato de ler, no sentido de se formar sujeitos ativos e participantes de um contexto real em que vivemos. O que precisa ser considerado é a qualidade e não a quantidade de livros lidos. É notório, portanto, que eles precisam ser ensinados a ler com eficácia, extraindo da leitura um conhecimento efetivo em toda sua totalidade, sendo que para isso, se faz necessário repensar, planejar e avaliar o tipo de texto a ser trabalhado, pois o conhecimento de mundo também deve ser levado em conta, visto que a leitura de mundo precede a leitura da palavra, apesar de ambas estarem correlacionadas. Por essa razão, deve-se pensar em educar para a compreensão de textos entendendo que essa ação significa conduzir o aprendiz a atribuir sentido a essa habilidade. Assim, permite-se o avanço do leitor auxiliando-a a usar sua potencialidade em direção à autodescoberta. A educação leitora deve ir muito além do reducionismo criado e imposto por uma postura educacional – seja de professores ou do próprio sistema –, que acaba ditando o discurso dos aprendizes durante as atividades de leitura, através das possíveis e limitadas

respostas subjacentes a um texto. Essa proposta de ensino só atinge êxito na negação do direito do educando de alcançar o estágio de letramento.

É preciso que se tenha a consciência de que a prática da memorização deve ser excluída e que se deve partir para a compreensão do significado da palavra. A compreensão da palavra deve acontecer de forma dinâmica e processual. Freire também enfatiza que o que importa não é a quantidade de livros que se ler e sim o grau de compreensão que se tem ao ler e o contexto ao qual a leitura é aplicada. Nesses termos, a leitura de um texto deve transcender a palavra escrita, pois ela deve estabelecer relação com a realidade.

Nessa inter-relação entre os diferentes tipos de leituras, e a leitura de texto entendida como uma forma de expressão e de registro de leituras de mundo, são construídas novas significações. A leitura da palavra torna-se um ato criativo, (re)construtivo, (re)significativo. Considerando o novo Ensino Fundamental e a quantidade de materiais disponíveis na cultura letrada, é preciso tomar a leitura como objeto de ensino, e criar possibilidade que permitam ampliar o universo do aluno propiciando a sua formação como leitor atuante.

Visto que a leitura é um processo cognitivo, histórico, cultural e social de produção de sentidos, o leitor compreende o que está escrito quando estabelece relações entre o que está no texto e o seu conhecimento de mundo. Em virtude disto, “Na leitura, o leitor não age apenas decodificando, isto é, juntando letras, sílabas, palavras, frases, porque ler é muito mais do que apenas decodificar. Ler é atribuir sentidos” (BRASIL, 2001, p. 86).

Assim, pode-se afirmar que as habilidades de leitura oferecem condições essenciais para que o cidadão enfrente a sociedade contemporânea e exigente que funciona através de um sistema voltado para a informação. É notório a necessidade de ser um sujeito leitor, pois, diante do mundo letrado as exigências existem em todos os aspectos. A leitura está presente no nosso cotidiano e, portanto, faz-se necessário ampliá-la efetivamente.

Nesse sentido, Martins (1994, p. 29) afirma:

Essa perspectiva para o ato de ler permite descoberta de características comuns e diferenças entre os indivíduos, grupos sociais, as várias culturas; incentiva tanto a fantasia como a consciência da realidade objetiva, proporcionando elementos para uma postura crítica, apontando alternativas.

É perceptível nas palavras do autor que a leitura é, portanto, fundamental na vida das pessoas, sobretudo porque através dela ampliamos nossa visão de mundo e da cultura. As descobertas fazem do sujeito um ser consciente.

A leitura amplia os modos de agir do cidadão. A escola assumiu uma estreita relação entre o ato de ler e a atuação do cidadão no meio social e, por esse motivo, exige que o

educador adote novas práticas de ensino. A medida em que ele ensina aos alunos o ato de ler por meio de atividades diversificadas, ele os está instruindo a organizar seu próprio pensamento, levando-os a tornarem-se independentes no processo de leitura.

Nesse sentido, é importante considerar que:

[...] ler não se restringe apenas ao ato de decifrar decodificar o código escrito e repetir em voz alta os conteúdos do texto de forma linear e literal. Podemos dizer que para ler o sujeito deve utilizar seus procedimentos, reconstruindo assim, os sentidos do texto a partir de um diálogo entre quem lê e o documento escrito (SOUZA, 2011, p.161).

O autor chama a atenção para o fato de que ler não é apenas decifrar os símbolos, ler é não se restringir à reprodução. Essa prática inviabiliza a formação do conhecimento visto que o ritual burocrático e mecânico de abordagem dos textos não os levam a uma leitura prazerosa e significativa que motive um olhar e um refletir sobre o ato de ler, constituindo assim leitores capazes de atuarem nas transformações ocorridas na sociedade.

Diante disso, são inúmeras as definições de leitura, no entanto, a leitura é sem dúvida um caminho a ser trilhado e aberto a novas conquistas, é, portanto, uma das principais alternativas que estimula o leitor a exercer sua cidadania. Assim, a busca dessa autonomia é conquistada pelo ser humano quando ele começa a compreender a si próprio e o mundo.

A vida em sociedade exige inúmeras ações dos sujeitos leitores. A leitura como prática social é sempre um meio nunca um fim. O avanço da sociedade moderna exige o domínio da leitura, pois a diversificação do trabalho requer do sujeito um conhecimento mais amplo no letramento, para que assim possa atuar com eficiência na vida social e profissional. Nesse sentido, a inserção a prática da leitura no cotidiano escolar consiste em explorar as potencialidades da linguagem utilizando-se da diversidade de gêneros textuais com os quais nos defrontamos no dia a dia. Portanto, “[...] cabe à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, a ensinar a produzi-los e a interpretá-los” (BRASIL, 1997, p. 56).

A seguir, serão citados alguns gêneros textuais que apontam efetivas contribuições para essa discussão sobre leitura, pois ressaltam a importância de sua leitura para o desenvolvimento crítico do indivíduo:

- Os gêneros jornalísticos abrem espaço para discussão e reflexão acerca dos problemas presentes na sociedade.

- Os gêneros científicos merecem atenção específica, pois são textos que trazem informações aprofundadas. O educador precisa desenvolver estratégias de apropriação de informação, já que esse tipo de texto requer um esforço de concentração bem maior por parte do leitor.
- Os gêneros publicitários tomaram um espaço no mundo globalizado e capitalista bem amplo na sociedade. Os cartazes, propagandas em revistas e jornais tem uma circulação muito grande e nele encontram-se estratégias de convencimento para o leitor.
- Os gêneros literários levam o indivíduo para além da imaginação, pois tem um potencial de instigar o sujeito a produzir uma forma diferenciada de ver o mundo que o cerca. Por essa exploração, o dizer o mundo (re)construído pela força da palavra ,que é a literatura ,revela-se como uma prática fundamental para a construção de um sujeito (cf. COSSON, 2014).

Merece destaque aqui – em virtude do corpus da pesquisa -, que a leitura de literatura promove um caminho de saberes sobre o homem e o mundo. Portanto, para que a literatura assuma seu verdadeiro papel se faz necessário que seja repensado seu verdadeiro sentido, isso só acontece quando se muda os rumos da escolarização em prol do letramento literário. A literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo (COSSON, 2014).

O docente, por sua vez, precisa fazer da leitura literária uma presença constante nas salas de aula. Esse trabalho favorecerá o desenvolvimento das práticas sociais de leitura na escola, aproximando cada vez mais o leitor da sua realidade cotidiana, ampliando esses limites a escola estará contribuindo para o desenvolvimento de um cidadão atuante na sociedade. Esse gênero contribui na formação do cidadão em todos os seus aspectos, pois oferece ao leitor condições essenciais para enfrentar as exigências do mundo contemporâneo.

No mundo atual o desafio da escola é para que os alunos dominem as informações através da leitura, que estejam preparados para enfrentar a sociedade futura. Portanto, os desafios que se colocam para a escola, espaço privilegiado de desenvolvimento da competência para ler e escrever – não são poucos, pois todas as evidências têm mostrado que essa competência não depende do acesso a certas práticas convencionais de ensino da língua, mas a experiências significativas de utilização da escrita no contexto escolar, tanto em situação de leitura como de produção de textos.

É plausível afirmar que convém aos professores focar a leitura na sala de aula através de uma abordagem estruturada e com objetivos definidos e que contemple o desenvolvimento de habilidades leitoras. Para a compreensão do mundo contemporâneo onde a leitura impõe o agir com autonomia e criticidade se faz necessário que a escola ofereça a oportunidade ao aluno de aprender a ler. Dessa forma, é preciso ir mais fundo na realidade da leitura e entender que, aliada ao pouco acesso aos livros, estão às implicações do próprio sistema educacional para com o ensino da leitura. Inclusive a atribuição de valor sobre a leitura do livro que a distancia da leitura de mundo.

1.2 A LITERATURA E OS CONTOS DE FADAS

No contexto escolar, a escolha de uma obra literária – já que é este o foco deste trabalho - para leitura deve ser conduzida por alguns fatores. Dentre tantos podem ser citados o objetivo do leitor, ou a temática que sobre a qual se deseja aprofundamento. Para fins educacionais, a seleção literária acontece de acordo com o nível de escolaridade a qual se encontra o sujeito. Considerando a diversidade de gêneros textuais que circulam na sociedade e das suas especificidades, a escola e as turmas com as quais o professor trabalha, a escolha do tipo de texto a ser trabalhado é fundamental no processo de planejamento docente, pois envolve a avaliação da turma, do tempo disponível para o trabalho com a leitura, o interesse do aluno, dentre outros. O certo é que, “[...] o trabalho com a leitura precisa ser repensado, planejado e avaliado, levando-se em consideração as condições da sua realização” (BRASIL, 2001, p. 33). Portanto, incentivar a leitura de todos os tipos de textos, sobretudo o literário – uma vez que este tem tido pouco espaço nos livros didáticos e na prática docente de muitos professores - é indispensável para democratizar o acesso ao saber e à cultura letrada.

A literatura tem um grande significado no desenvolvimento de crianças e jovens de diversas idades, visto que nela encontram-se situações emocionais, fantasias, curiosidades, de modo que enriquece o desenvolvimento perceptivo do leitor. Na verdade, a leitura literária influencia em todos os aspectos da educação: “na afetividade: desperta a sensibilidade e o amor à leitura; na compreensão: desenvolve o automatismo da leitura rápida e a compreensão do texto; na inteligência: desenvolve a aprendizagem de termos e conceitos e a aprendizagem intelectual” (RUFINO & GOMES, 1999, p.11).

Entre tantos textos literários estão os contos de fadas, os quais envolvem enredos de problemas humanos, mas que não surgiram necessariamente para ensinar algo às crianças, apenas com o passar do tempo adquiriu essa característica. Eles surgiram bem antes da ideia

moderna que se tem sobre infância, quando as crianças passaram a ser reconhecidas como seres que possuíam características próprias e passaram a serem vistos não mais como meros adultos em miniaturas. Os contos de fadas surgiram, antes que houvesse na sociedade a intenção em se fazer ou escrever algo dirigido às crianças (SOUZA, 2011).

Os contos de fadas eram específicos para adultos, circulavam entre as pessoas como forma de entretenimento e, aos poucos foram, sendo adaptados a outros públicos:

Diversas compilações e adaptações foram feitas em diferentes países da França, mas as de Charles Perrault na França (século XVII) e a dos irmãos Grimm na Alemanha (século XIX) são provavelmente, as mais conhecidas” (SOUZA, 2011, p. 100).

As transformações dos contos se deram ao longo do tempo, de modo que passaram a ser instrumentos de ensinamentos para adultos e crianças. A relação dos contos com o jovem é provavelmente uma relação de sonhos e fantasias as quais se entrelaçam com o prazer da aventura vivida e que apresenta situações aparentemente simples, mas que mostram características humanas que permitem ao indivíduo o seu amadurecimento. O conto de fada possui um caráter mágico, a fantasia presente nesse gênero textual possibilita a criança lidar com suas emoções. Sobre isso (SOUZA, 2011, p. 103) ressalta:

As narrativas presentes nos livros de Literatura Infantil contam uma experiência de vida e essa “fantasia do real” permite uma identificação entre o narrador e o ouvinte, constituindo-se repleta de significados. O leitor/ouvinte é capaz de apossar-se dele de modo a torná-la sua própria história, e dessa forma superar seus conflitos, angústias e medos, ou seja, criança, ao ouvir um conto, é capaz de transportar-se para ele e viver sua própria história em função do que lhe foi narrado, adquirindo tranquilidade para compreender seus sentimentos, seu lugar, e para resolver seus conflitos.

O fato é que, por meio das histórias é possível que o indivíduo vença seus medos, se identifique como parte integrante da história e, assim, entre num processo de identificação de sentimentos e ansiedades. Desta maneira se compreende o comportamento atento dos mesmos ao ouvirem determinada história, sobretudo porque o sonho e o imaginário são fundamentais para que a criança se desenvolva de forma equilibrada e harmoniosa.

Os contos de fadas mantêm uma estrutura fixa. Eles partem de um problema vinculado à realidade (como estado de penúria, carência afetiva, conflito entre mãe e filho), que desequilibra tranquilidade inicial. O desenvolvimento é em busca de soluções, no plano da fantasia, com a introdução de elementos mágicos (fadas, bruxas, anões, duendes e gigantes), como destaca Abramovich (1994). O grande estudioso do assunto, Bettelheim (1980, p. 14, *apud* SOUZA, 2011, p. 104), observa:

Por retratar a realidade em ficção recorrendo ao imaginário, só contos de fadas utilizam um modelo psicanalítico de personalidade humana para caracterizar seus personagens e, assim, são capazes de transmitir “importantes mensagens à mente consciente, a pré-consciente, em qualquer nível que esteja no momento”.

Portanto, considerando os fundamentos teóricos que embasam o valor significativo dos contos, deve-se reconhecer que o trabalho com contos é importante sob vários aspectos, pois desenvolvem habilidades que agem como facilitadores dos processos de aprendizagens, cognitivas, emocionais e sociais. Estas habilidades podem ser observadas no aumento do vocabulário, no comportamento, nas referências textuais, na interpretação de textos, na ampliação do repertório linguístico, na reflexão, na criticidade e na criatividade. Estas habilidades propiciariam ao aluno novas descobertas. A leitura de contos oferece ao indivíduo um significado à sua vida, visto que trazem enredos problemáticos da vida humana. O irreal possibilita que ele vença seus medos e angústias e que serviram como base para sua vida adulta. Nesse sentido, “Entre outros atributos, é essa possibilidade de superação dos contos de fadas um importante instrumento de formação da criança e de seu ego em germinação” (SOUZA, 2011, p.104).

Uma das principais características dos contos de fada são as características dos personagens: ou elas são boas ou más. Essas questões possibilitam o indivíduo aprender a lidar com situações de medos, angústias marcantes da vida: “Medos com os quais todos convivem, e que se aprende a enfrentar, a desviar, a superar, a substituir, com os quais se aprende a conviver ou a lidar” (ABRAMOVICH, 1994, p. 125).

Diante da importância dos contos de fadas, deve-se reconhecer que a escola assume papel fundamental no ato de ler, e nas escolhas do que se ler (contos de fadas e a literatura de modo geral tem sido negligenciados), e como se ler, visto que é na escola que o indivíduo tem o primeiro contato com a literatura vista na perspectiva da sua escolarização. Um fato que leva os estudiosos a questionamentos é que os contos de fadas são pouco trabalhados em sala de aula, para muitos educadores é um gênero sem muita importância: “Na escola, o conto de fadas não costuma ser trabalhado com frequência por ser um gênero considerado menor ou sem importância” (SOUZA 2011, p.107).

Partindo dessa reflexão, o professor muitas vezes ignora a importância dos contos para o desenvolvimento social e cultural do indivíduo:

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquietada,

cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião...E isso não sendo feito uma vez ao ano...Mas fazendo parte da rotina escolar, sendo sistematizado, sempre presente- o que não significa trabalhar em cima dum esquema rígido e apenas repetitivo (ABRAMOVICH,1994, p. 143).

Os contos de fadas são textos que possibilitam ampla discussão, por possuir no seu contexto fatores que auxiliam no desenvolvimento cultural e social do indivíduo, sobretudo quando se consideram os aspectos ideológicos presentes neles, tais como as ideologias de gênero (papéis masculinos e femininos profundamente marcados pelas leis do patriarcado), questões de classe social (a sempre tendenciosa representação positiva da nobreza), dentre outros. Estas questões, para alunos maiores, fomenta o desenvolvimento da criticidade, através de leituras desconstrutivistas, como por exemplo, aquelas apresentadas na atualidade pelas releituras cinematográficas dos contos de fadas, nas quais as ideologias acima representadas, notadamente as relações de gênero são tratadas à luz da modernidade.

2 LITERATURA E CINEMA

2.1 LITERATURA E CINEMA: QUESTÕES DE ENSINO

Na atualidade, as informações sobre os mais diversos assuntos circulam muito rapidamente, portanto, tratar de leitura no contexto dessa dinâmica do mundo da informação torna-se um desafio. Esta é uma discussão pertinente às ações contemporâneas, visto que as pessoas interagem com o mundo, pois são capazes de lê-lo de várias formas e de maneiras diferentes, em vários sentidos, conferindo-lhe múltiplos significados.

Vivemos o momento mais dinâmico na era da comunicação, a era digital, de modo que a maioria da população vive de forma intensa ligada às novas tecnologias. A popularização da internet, juntamente com a produção em massa dos aparelhos digitais, facilita o acesso à informação de forma significativa. Com essa invasão das tecnologias a cultura visual torna-se uma constante em todos os lugares, inclusive na escola. Ora, a tecnologia é uma aliada na construção do conhecimento e o professor deve estar preparado para utilizá-la, conforme postula Brasil (1998, p. 89):

A análise mais rigorosa da questão, na realidade atual, não coincide com tais previsões, pois a leitura e a escrita continuam muito presentes na sociedade e, em particular, no âmbito do trabalho. Porém, não há como negar que as novas tecnologias da informação cumprem cada vez mais o papel de mediar o que acontece no mundo, editando a realidade.

A presença constante de novos meios de comunicação exige que a escola eduque os alunos para a recepção e uso dessas novas tecnologias, não só os alunos como todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem de forma geral. O professor deve estar preparado para lidar com as constantes mudanças na nossa sociedade, o novo deve ser visto como uma oportunidade de crescimento, tanto para ele como para os alunos. Assim, as novas tecnologias são recursos que devem ser utilizados na sala de aula, porém o professor, a todo momento, deve tentar influenciar os alunos para que não deixem de lado o interesse pelo livro. Nessa perspectiva, o ensino de literatura através do cinema deve ser visto como facilitador do conhecimento, uma vez que filmes são ferramentas atraentes para o aluno porque trazem maior dinamicidade e praticidade para o ensino.

No dia a dia das escolas, na atualidade, os textos literários têm servido, muitas vezes, de pretexto para o ensino de gramática, com o objetivo de se trabalhar a parte ortográfica, deixando de lado a parte literária ou são vistos também como meros passatempos, não lhes

sendo dada a sua devida importância. A escola deve, através do professor, mudar as concepções que as pessoas não gostam de ler, os alunos não gostam de ler pelas condições que subjazem à relação leitor/texto que são, muitas vezes, paralisantes, no que diz respeito à escola e, em especial, na sala de aula. Assim, trabalhar a questão do letramento literário significa adentrar a essência de todas as competências culturais. Sendo assim, deve-se usar os meios necessários para despertar no aluno o desejo pela leitura, mesmo que ela venha através de outros meios para facilitar esse acesso.

O cinema, apesar de ser uma arte distinta do texto literário, tem suas características e peculiaridades que podem ser utilizadas para aflorar o gosto pela leitura. O livro e o filme são canais diferentes de transmissão de conhecimento, o primeiro trabalha com o a escrita/leitura e, o segundo, com o audiovisual. No espaço escolar, os dois podem formar uma dupla eficiente, haja vista o grande número de obras literárias adaptadas para o cinema. Deve-se ter em mente que o filme não é cópia do livro e que exigir fidelidade é não compreender que são artes diferentes. Stam (2000, *apud* AMORIM, 2009, p. 2606) afirma:

[...] os vários recursos do cinema possibilitariam uma maior expressão para a exposição das mais diferentes emoções, combinando o verbal com a densidade informacional contida nas imagens, assim como fatores relacionados à intensidade sonora: música, ruídos, entonação, etc. o que também não justificaria a superioridade do cinema em relação à literatura.

Não se pode esquecer de que o ato de assistir a um filme adaptado de uma obra literária abre espaço para o surgimento de novos leitores e uma busca pelos livros que inspiraram os filmes, movidos pela curiosidade de ler a obra escrita em sua integralidade. Quando uma obra literária é adaptada para o cinema motiva a busca em potencial pelo livro que deu origem a adaptação, assim assistir a um filme permite que o aluno possa ver e ouvir ao mesmo tempo, contribuindo para uma maior aprendizagem sobre leitura em outras mídias.

As adaptações de obras literárias, por diferentes que sejam dos textos, geram um aumento significativo nas vendas dos livros e tanto o distanciamento como a aproximação das adaptações com o original causam um ganho para a literatura. A este respeito, Bazin (1991, p. 93) argumenta:

Esse raciocínio está confirmado por todas as estatísticas da edição, que acusa um aumento surpreendente da venda das obras literárias depois da adaptação pelo cinema. Não, na verdade a cultura em geral e a literatura em particular não têm a perder com a aventura.

Quando surgiram as primeiras adaptações para o cinema de obras literárias, havia a preocupação com a o equilíbrio da qualidade da obra. Segundo Bazin (1991, p. 96):

Quanto mais as qualidades literárias da obra são importantes, mais também ela exige um talento criador para reconstruir de acordo com um novo equilíbrio, de modo algum identico, mas equivalente ao antigo (...) Considerar adaptação de romances como um exercício preguiçoso com o qual o verdadeiro cinema, o “cinema puro”, não teria nada a ganhar, é, portanto, um [contrassenso] critico desmentido por todas as adaptações de valor. São aquelas que menos se preocupam com a fidelidade em nome de pretensas exigências da tela que atraem a um só tempo a literatura e o cinema.

Durante muito tempo, ainda nas décadas iniciais das adaptações literárias para o cinema, cineastas expressavam muita preocupação com relação à qualidade da adaptação baseada no texto literário, pois havia uma preocupação com relação à fidelidade da obra, uma vez que não existia ainda a liberdade e independência que se tem hoje, tanto é que o cinema era chamado de “cinema puro”. O interessante é que no princípio já era notório que aqueles que menos se preocupavam com as exigências da fidelidade acabavam atraindo o público para conhecer as duas artes e, é assim, que o cinema deve ser visto pelos professores e alunos, como uma arte que atrai ao mesmo tempo para a literatura e para o próprio cinema.

Sobre os processos de adaptações, deve-se levar em consideração alguns conceitos que o professor precisa observar quando estiver fazendo a análise do texto e do filme com os alunos. São conceitos que só poderão ser aplicados mediante a leitura do texto literário, segundo Brito (2006, p. 20):

- Redução – Elementos que estão no texto literário (romance, conto ou peça) e que são retirados da adaptação fílmica;
- Adição – Elementos que estão no filme sem estarem no texto literário;
- Deslocamento – Elementos que estão em ambos, filme e texto literário, mas não na mesma ordem cronológica, ou espacial;
- Transformação propriamente dita – Elementos que, romance e no filme, possuem significados equivalentes, mas tem configurações diferentes;
- Simplificação – Uma transformação que consistiu em, no filme, diminuir a dimensão de um elemento que, no romance, era maior;
- Ampliação – Uma transformação que consistiu em, no filme, aumentar a dimensão de um ou mais elementos do romance.

Diante disso, o processo de comparação entre literatura e cinema deve “[...] procurar estabelecer a relação entre os recursos escolhidos e o conteúdo da obra, textos literários e filmes, individualmente concebida” (BRITO, 2006, p. 21).

Observando esses elementos da adaptação, torna-se mais fácil a assimilação por parte dos alunos das semelhanças e diferenças entre o texto e o filme. O professor pode sugerir para os alunos que observem em casa, quando estiverem assistindo, elementos da adaptação. Na verdade, a adaptação sempre foi motivo de muitas polêmicas, principalmente por ser considerada c infiel à obra literária. O cinema e o público exigiam a fidelidade à obra literária, mas nas ultimas décadas, em especial os dias atuais, percebe-se que essa exigência esta sendo deixada de lado e há liberdade e autonomia de criação, conforme os debates de Xavier (1996, p. 62):

O livro e o filme nele baseado são vistos como dois extremos de um processo que composta alterações de sentido em função do fator tempo, a par de tudo o mais que, em princípio, distingue as imagens, as trilhas sonoras e as encenações da palavra escrita e do silêncio da leitura.

No início da historia do cinema, por ser ela uma arte nova, a cinematográfica, o cineasta era visto apenas como um plagiador da literatura. Bazin (1991, p. 84) afirma que, “[...] do mesmo modo que é a educação de uma criança se faz por imitação dos adultos que a rodeiam, a evolução do cinema foi inflectida pelo exemplo das artes consagradas”. Nesse sentido, o cinema e a literatura devem ser vistos como parceiros que conversão:

[...] o artista não imita a natureza, mas sim outros textos. Pinta-se, escreve-se ou faz-se filmes porque viu-se pinturas, leu-se romances, ou assistiu-se a filmes. A arte, neste sentido, não é uma janela para o mundo, mas um diálogo intertextual entre artistas (STAM, 2008, p. 44).

Ensinar literatura através de vídeos torna a aula muito mais dinâmica, o que só reforça a absorção de informações por parte de quem assiste, o seu uso pode e deve ser utilizado como meio pedagógico para facilitar a assimilação de conteúdos:

O vídeo possibilita desenvolver múltiplas atitudes receptivas, pois permite que se interrompa a projeção para fazer um comentário; que se volte a fita, após a projeção, para rever cenas importantes ou difíceis; que se passe quadro a quadro imagens significativas; que se exiba a fita outras vezes para apreciar aspectos relacionados à trilha sonora, efeitos visuais, diálogos, etc. (BRASIL, 1998, p. 92).

Assim, filmes, programas de Televisão e vídeos de forma geral podem ser utilizados de diversas formas na sala de aula, como sugere Brasil (1998, p. 92):

- Como ponto de partida para a introdução de um tema;

- Como exemplo de aspectos relacionados ao assunto discutido em classe;
- Para registro e documentação de projetos desenvolvidos;
- Para que os alunos realizem produções em vídeo: encenações, programas informativos, entrevistas;
- Como avaliação, permitindo o exame de exposições orais;
- Como suporte da televisão e do cinema: gravando programas para utilização em classe;
- Exibindo filmes de longa-metragem e documentários relacionados a aspectos do trabalho desenvolvido;
- Exibindo filmes baseados em obras literárias lidas para comparação das diferentes linguagens.

Segundo Pellegrini (2003, p. 15), todas ou quase todas as pessoas tem acesso as narrativas visuais do cinema e da televisão e, para muitos, o visual é bem mais atraente que o texto escrito por captar os seguintes elementos:

[...] em primeiro lugar, e um contexto demonstrativo em vez de um contexto verbal: percebe-se pela vestimenta, características e comportamentos das personagens, pelo lugar onde estão, por seus gestos e expressões faciais, se se trata de drama ou comédia, em que época se desenvolve o enredo, enfim, de que modo o espectador está sendo convidado a fruir aquele conjunto de significados visuais componente de uma trama.

Nesse sentido, é notório que o visual é muito atraente para despertar a atenção dos alunos. Pellegrini (2003, p. 15) afirma que “[...] a imagem tem, portanto, seus próprios códigos de interação com o espectador, diversos daqueles que a palavra escrita estabelece com o seu leitor”. Não há dúvidas que o visual atrai mais a atenção do que as palavras, no entanto, deve-se utilizar esse mecanismo de atração para direcionar os alunos aos textos, tentando motivá-los a conhecer o texto escrito.

Assim, a adaptação é vista por Azeredo (1996) com um catalisador entre a literatura e o cinema, ponto em que as duas modalidades de artes se tocam ou se repelem, se acasalam ou se agridem. Há divergências sobre as adaptações, ora elas agradam e ora não, no entanto, a adaptação deve ser entendida como uma ferramenta de importância significativa para o ensino de literatura, e deve ser vista como uma obra diferente do texto literário que a inspirou. Segundo Hutcheon (2006, *apud* Amorim, 2009, p. 2604):

[...] entende-se a adaptação como um processo de *(re) interpretação* e *(re) criação*, processo no qual primeiramente apropria-se do texto fonte para depois recriá-lo, como na adaptação de obras literárias canônicas para públicos de faixa etária jovem. Por fim, como *processo de recepção*, entende-se a adaptação como uma forma de intertextualidade, o texto baseia-se em outros textos para criar-se existindo de modo intertextual com os primeiros.

O conceito de original deve ser colocado de lado, quando se trata de adaptação. Entende-se como original o significado de algo novo, inédito e que nunca foi criado, todavia,

não se pode classificar uma obra original, visto que ela é influenciada por vários fatores de qualquer natureza, sobretudo porque uma obra sempre é inspirada em outra, mesmo que de forma involuntária.

Portanto, as adaptações podem despertar um olhar bem diferenciado do leitor para a obra, proporcionando uma nova visão do papel das personagens na narrativa, personagens que outrora nunca tinham sido ouvidos, um exemplo é o filme *A Bela e a Fera* (2014), baseado no conto de fadas *A Bela e a Fera*, que oferece uma visão do conto a partir da antagonista; este é um exemplo de que o cinema está dando voz as personagens que no texto literário não a possuem. Outro exemplo é o filme *Malevola* (2014), baseado no conto de fadas *A bela adormecida*, que mais uma vez trás à tona a voz da personagem antagonista e, nessa adaptação, a antagonista é vista como uma personagem que não é má e nem cruel. O cinema utiliza também a junção de várias obras em uma só, como no filme *Shrek* (2001). Nessa adaptação, observamos a referência a vários contos de fadas de forma dinâmica e cômica.

Todas essas formas de adaptação deixam cada vez mais evidente que o texto literário é apenas a matéria prima para o cinema. Como afirma Xavier (1996, p. 61-62):

A interação entre as mídias tornou mais difícil recusar o direito do cineasta à interpretação livre do romance ou peça teatro, e admite-se até que ele pode inventar determinados efeitos, propor outra forma de entender certas passagens, alterar a hierarquia dos valores e redefinir o sentido da experiência das personagens. A fidelidade ao original deixa ser o critério maior de juízo crítico [...].

Na atualidade, a adaptação da obra deve ser vista pelas lentes do ensino, por exemplo, como uma obra nova, podendo ser trabalhada sua aproximação com a obra literária e seu distanciamento. O professor deve estar aberto a esse diálogo com os alunos, sempre tentando incentivá-los a conhecerem o texto base para o filme. Contudo, é importante que haja a comparação das duas obras pelos alunos, mas sempre frisando que são artes diferentes:

Afim, livro e filme estão distanciados no tempo; escritor e cineasta não tem exatamente a mesma sensibilidade e perspectiva, sendo, portanto, de esperar que a adaptação dialogue não só com o texto de origem, mas com o seu próprio contexto, inclusive atualizando a pauta do livro (XAVIER, 1996, p. 62).

Assim, as produções cinematográficas possibilitam um resgate, por exemplo, dos clássicos da literatura, proporcionando as novas gerações o conhecimento de uma obra pouco conhecida por eles, o que é uma forma de atualização da obra.

Com relação ao foco e o ponto de vista, “[...] no que diz respeito à adaptação, nos deparamos aí com cotejos assentados no que há de comum e que pode ser motivo de

identidade ou de diferença entre o romance e o filme” (XAVIER, 1996, p. 67-68), sobretudo porque: “O cinema pode com mais facilidade, diluir as figuras humanas no contínuo do mundo do prosaico das ruas e contaminar o teor dos conflitos com tal senso da experiência ordinária” (XAVIER, 1996, p. 79). Temos como exemplo as peças de teatro de Nelson Rodrigues, que através do cinema nos fazem mergulhar nas peculiaridades de cada local que a peça descreve.

Levando em consideração que o foco da utilização do cinema em sala de aula é para facilitar o desenvolvimento do senso crítico com relação à leitura e interpretação dos textos e das obras apresentada como audiovisuais, cabe ao professor conduzir a análise sobre o filme e a obra literária, sem considerar que uma é melhor do que a outra, mas que tanto o cinema quanto a literatura possuem, já bem definidos, suas peculiaridades na forma de narrar as obras:

A literatura e o romance não mais ocupam um lugar privilegiado; a adaptação, por implicação, assume um lugar legítimo ao lado do romance, como apenas mais um meio narratológico (STAM, 2006, p. 24).

Muitas são as adaptações cinematográficas com base em livros, sendo utilizadas para fazer a propaganda dos livros. Atualmente, a maioria das adaptações são baseados em obras já consagradas pelo público leitor, que depois de serem lançadas no cinema aumentam significativamente a procura nas livrarias. Entre as obras mais procuradas estão as trilologias, a exemplo de a Saga *Crepúsculo*, baseado no livros de Stephenie Meyer e *Jogos Vorazes*, baseado nos livros de Suzanne Collins. Muitos livros estão sendo adaptados, um exemplo no Brasil é o filme *Dom* (2003), baseado no romance de Machado de Assis, *Dom Casmurro* (1900). Essa adaptação possibilitou aos jovens que não conheciam a obra uma oportunidade de leitura e quem já tinha lido uma possibilidade de releitura.

As adaptações já fazem parte do cotidiano dos alunos, visto que no Brasil e no mundo é bastante comum a adaptação de obras literárias, o que facilita a popularização do texto literário no meio estudantil. A cultura atual é totalmente visual, portanto, deve-se utilizar o cinema como ferramenta preciosa para atrair a atenção dos alunos para a literatura, observando o texto literário e o filme como uma nova forma de texto que pode possibilitar uma ampla discussão sobre a estrutura de cada novo texto:

Sob uma perspectiva cultural, a adaptação faz parte de um espectro de produções culturais niveladas e, de forma inédita, igualitárias. Dentro de um mundo extenso e inclusivo de imagens e simulações, a adaptação se torna apenas um outro texto, fazendo parte de um amplo contínuo discursivo (STAM, 2006, p. 24).

Diante do exposto, subjaz a questão importante que o professor tem que, antes de tudo, gostar de literatura e de cinema, e assim poder despertar em seus alunos o gosto por eles, e após as aplicações na sala de aula estar preparado para os possíveis questionamentos a cerca da adaptação, lembrando que devem ser analisado os distanciamentos e semelhanças das obras para uma melhor aprendizagem. Uma ferramenta muito importante para que o ensino de literatura através do cinema obtenha êxito é o planejamento de forma sistemática de atividades, utilizando-se, por exemplo, a sequência didática - posteriormente esta questão será aprofundada.

2.2 CONTOS DE FADAS NO CINEMA E NA TELEVISÃO

De acordo com Coelho (2000, p. 173), o conto de fadas

[...] originou-se entre os celtas, com seus heróis e heroínas, cujas aventuras estavam ligas ao sobrenatural e ao mistério do além-vida e visavam a realização interior do ser humano, tal como surgiu e se desenvolveu desde as origens a forma conto se diferencia em 'maravilhoso' e 'de fadas'.

O autor também destaca que:

o núcleo das aventuras no conto maravilhoso é sempre de natureza material/social/sensorial (a busca de riqueza; a satisfação do corpo; a conquista do poder, etc, já os contos de fadas é de natureza espiritual/ética/existencial (Nas raízes dos contos de fadas estão presentes as novelas de cavalaria... ciclo do Rei Artur e seu grande cavaleiro, Galaaz) (COELHO, 2000, p. 173).

Ora, os contos de fadas são as obras literárias mais adaptadas para o cinema e televisão. Eles agradam todas as faixas etárias, sendo repassados de geração a geração. Eles vêm se perpetuando durante séculos, a maioria das pessoas, enquanto crianças, tiveram contatos com eles e isso desperta um interesse por tais obras, já que os contos encantam aos alunos também, por abordar temas corriqueiros da vida, tais como, medo, amor, dificuldade de ser criança, carência, alto descoberta, perdas e buscas, encorajando o desenvolvimento do leitor. Coelho (2000, p. 173) confirma isso:

Limitado pela maturidade de seu corpo e do mundo em que vive, é natural que o homem tenha desejo sempre em uma ajuda mágica. Entre ele e a possível realização de seus sonhos, aspirações, fantasia, imaginação... sempre existiram *mediadores* (fadas, talismãs, varinhas mágicas...) e *opositores* (gigantes, bruxas ou bruxos, feiticeiros, seres maléficos...)

O místico encanta, nos maravilha, o medo da morte assusta, faz refletir sobre a vida após a morte, os dilemas do dia a dia, as decepções e a esperança que fazem o leitor acreditar que possa existir “um final feliz”. Tudo isso está presente nos contos de fadas. Um dos motivos para eles serem tão populares entre todas as faixas etárias é a possibilidade de fazerem o leitor mergulhar novamente na infância, através do imaginário, e trazer à tona lembranças e experiências vivenciadas de forma individual ou não.

Coelho (1991, p. 9) afirma que:

O maravilhoso, o imaginário, o onírico, o fantástico [...] deixaram de ser vistos como pura fantasia ou mentira, para ser tratado como portas que se abrem para determinadas verdades humanas.

A realidade muitas vezes é dura e muito infeliz, portanto, o maravilhoso, o fantástico, possibilitam ao aluno uma fuga da realidade. Os alunos enxergam nos contos a possibilidade de superar seus dilemas da mesma forma como as personagens conseguiram, muitos se identificam por passarem pelas mesmas dificuldades, sendo os contos fontes de vários temas que podem possibilitar muitos debates em sala de aula. Coelho (2000, p. 107) fala sobre a relação entre real e fantástico:

Essa convivência do real como o fantástico está presente nos animais e seres inanimados que falam e se comportam como humanos; nas metamorfoses frequentes que, com o avanço do espiritualismo cristão, vão-se identificando com os milagres. Enfim, tudo nesse universo literário arcaico parece dotado de poderes mágicos; inclusive desaparecem as fronteiras entre real e imaginário – recurso ou visão de mundo que, hoje, voltou a dominar a literatura para crianças ou adultos.

A estrutura do conto de fadas possui início, meio e fim, e possibilita ao leitor criar um caminho para uma melhor compreensão tema e conflitos neles abordado. Para Machado (2002), a leitura de bons livros traz ao leitor certo comportamento ao perceber em uma personagem características reconhecidas em si mesma e, ainda, a capacidade de transportar o leitor para outros mundos propiciando uma experiência enriquecedora.

Atualmente os contos de fadas estão em evidência no meu cinematográfico, e sempre foram fonte de inspiração para o cinema, mas frequentemente vem recebendo novas roupagens. Os contos são ricos em elementos fantásticos, que estimulam a imaginação em todos os sentidos, sobretudo através da linguagem do cinema e da televisão, como artes audiovisuais. Eles tornam possível uma experiência que outrora só existia na imaginação do leitor, assim, “[...] a representação simbólica é um recurso estilístico mais rico do que a

representação realista (mimética), porque esta última limita-se a fixar o específico do real a ser transfigurado” (COELHO, 2000 p. 106).

As adaptações dos contos de fadas para o cinema possibilitam ao professor explorar diversas temáticas, pois são uma constante no cotidiano dos alunos, através dos desenhos animados, séries de Televisão e filmes. Esses contos vêm se perpetuando de geração a geração e independente da época que foram inscritos eles desempenham um papel muito importante na formação dos leitores, a preservação de ambientes próprios de sua época possibilita ao aluno uma viagem no tempo, mesmo sendo releituras com roupagem atual. Guimarães (2012, p. 73) deixa claro que:

[...] um filme adaptado trava diálogo com a sua própria época e tem compromissos com o meio onde é inscrito, o que não permite uma fidelidade irrestrita ao texto de origem [...]. Portanto, por mais ligada que esteja a uma obra anterior, a adaptação fílmica pode ser considerada, em certa medida, como uma nova criação, apesar de recíproca ao texto original.

Por se tratar de ficção, os contos de fadas são vistos por alguns como apenas um conteúdo qualquer para o divertimento e entretenimento da criança, no entanto, mesmo apresentando uma realidade diferente em que ambos estão lidando, o leitor e o conto, há vários pontos nessas obras em que ambos os universos se conectam, mostrando uma relação com o leitor, pontos em que ele vive no seu cotidiano e da mesma forma que o conto escrito tem mostrado sua importância, assim tem acontecido com suas adaptações para a televisão e o cinema.

Azaredo (1996, p. 138) afirma que, “[...] ninguém pode dizer que a literatura não tenha continuado influenciando o cinema, e a frequência de adaptações literárias, [...] é uma prova disso”. Azaredo falava isso nos anos noventa. Atualmente as adaptações cinematográficas, principalmente de contos de fadas, são uma constante nas telonas, mais do que nunca os números de adaptações são consideráveis e tanto os clássicos como a literatura moderna estão sendo apreciadas, o exemplo mais recente é o filme *Cinderela* (2015), baseado no conto do escritor francês Charles Perrault, de 1697. Os contos de fadas são tão adaptados como qualquer outro texto, a exemplo disso temos a obra mais adaptada para o cinema e outras artes, como opera, ballet, show no gelo, poesia, teatro entre outras, é um conto de fadas chamado *Cinderela*.

Existem várias versões do conto *Cinderela*, presentes nas mais diversas culturas, sua real origem é incerta e, neste trabalho a versão escolhida para a análise do conto *Cinderela* é a do escritor Charles Perrault, por ser a história mais conhecida do conto e por inspirar a

adaptação cinematográfica que será analisada, que é o filme *Cinderela* (2015) dos estúdios Walt Disney.

Nesta versão do conto, nota-se que do nome *Cinderela* não é utilizado, sendo o termo A GATA BORRALHEIRA para descrever a filha legítima do fidalgo, que era chamada por esse termo habitualmente pelas irmãs postiças invejosas, tendo em vista que a Borralheira sempre se refugiava em um canto da lareira e sentava-se nas cinzas. Vale constar que esse termo possui uma grande carga de humilhação, deixando claro a forma de rebaixamento e/ou lembrando que ela está em uma posição inferior às irmãs, não passando de uma serviçal (escrava), portanto uma tentativa frustrante de diminuir sua beleza, o que na prática acabava sendo inútil, pois a beleza da Gata Borralheira não era ofuscava mesmo estando ela vestida com trapos e suja.

Vale ressaltar, a representação literária do bem e do mal na história através da figura das personagens, como o bem representado pela Cinderela e o mal pela madrasta e suas irmãs “[...] o bem-estando representado pelas características positivas herdadas da mãe e o mal relacionado à postura e à conduta indevidas da madrasta e das irmãs [...]” (CHRISTOFOLETTI, 2011). Enquanto a Gata Borralheira é sempre gentil, atenciosa, humilde e virtuosa, suas irmãs são cruéis, mesquinhas e egoístas. Nesse cenário, as atitudes bondosas da Gata Borralheira parecem incomodar as irmãs malvadas, que insistem em humilhá-la como uma forma de vê-la rebaixada, contudo, elas (as irmãs) parecem possuir um medo oculto da irmã Borralheira que nunca reage, embora pudesse fazê-lo.

Nota-se que a Borralheira é bastante passiva aos ataques das irmãs, embora isso a faça sofrer muito, mas nunca passou por sua cabeça vingar-se, apenas aceitar pacientemente e se apegar à esperança por dias em que aquele sofrimento teria um fim. Fica claro que ela sempre manteve os bons modos, mesmo diante de tantas afrontas. Nesse sentido, pode-se inferir que este popular conto, apesar de sua simplicidade, engloba vários aspectos que envolvem a relação entre o bem e o mal, aonde no final, tudo se resolve e todos aprendem lições valiosas. É o que discute Christofolletti (2011, p. 23-24):

O popular conto da Gata Borralheira, superficialmente, pode ser interpretado como uma história enganadoramente simples, porém, a partir de uma leitura um pouco mais profunda e reflexiva percebe-se, segundo Bettelheim (1991), que esta narrativa engloba aspectos que vão desde os sofrimentos que podem ser causados pela rivalidade entre irmãos, os desejos que se tornam realidade, da exaltação da humildade, até a recompensa do culto às virtudes e do castigo da maldade e, por isso mesmo atrai tanto o leitor.

O pai da Gata Borralheira só é mencionado no início, sendo omitido completamente do restante da narrativa, de modo que não é possível saber nada a seu respeito, o que leva o leitor a crer que sua presença é irrelevante para o desenrolar da narrativa.

Deve-se lembrar aqui que todos os acontecimentos se passam apenas entre as três mulheres da história, sendo omitida até a presença da madrasta. Pode-se notar que esse conto também permite refletir sobre o poder da mulher, como fica claro na análise a seguir:

[...] Esse aspecto do conto pode ser compreendido como o papel fundamental da mulher na família e na sociedade, pois todos os acontecimentos com as três mulheres da história acontecem apenas entre elas. Não esquecendo, todavia, o contexto em que foram escritas essas versões, relativo à questão do gênero feminino perante a sociedade, podemos perceber que as mulheres exercem a função incontestável do poder sobre os rumos de suas próprias vidas e também sobre os dos homens que pertencem às suas vidas [...] (CHRISTOFOLETTI, 2011, p. 42).

Já a figura da Fada Madrinha merece destaque como representante do elemento mágico. Simbolicamente, ela também retrata a figura da mãe que a Gata Borralheira perdeu, já que ela é atenciosa, afetuosa e cuidadora, cumprindo tudo o que promete à sua protegida. Percebe-se também o quanto a figura da fada Madrinha associada ao poder da Natureza, mostra sua exaltação e sua importância como elemento bucólico, fazendo Cinderela alcançar a paz espiritual, um contraponto com a paixão pelos bens materiais impostas pelas irmãs invejosas e materialistas.

Por fim, o conto mostra que o casamento com o príncipe acaba sendo uma forma de libertação de todo o sofrimento vivido. O príncipe demonstra aceitar a Gata Borralheira como ela é, e não como poderia ser, tendo-a encontrado justamente através do sapato de cristal perdido, que simboliza claramente a riqueza material daquela sociedade. E mais importante do que tudo, a Gata Borralheira mostra a todos o poder do perdão, mesmo depois de tanta humilhação e sofrimento causado por suas irmãs invejosas. É como se o amor e o perdão triunfassem sobre a inveja e a crueldade. Eis um dos ensinamentos morais do conto.

O filme *Cinderela* (2015) é mais uma refilmagem do clássico conto de fadas da Disney. Cinderela aqui se chamar, na verdade, Ella, uma clara alusão ao nome Cinderela, pelo qual passará a ser conhecida. Nesta trama, depois de vários anos após a morte da mãe de Cinderela, seu pai, um comerciante que está sempre viajando a negócios, decide casar-se novamente com uma viúva, que se torna a madrasta de Ella. Com isso, a madrasta e suas duas filhas vêm morar na casa a qual Ella sempre viveu.

Depois de um tempo, o homem adoece e morre, deixando Ella aos “cuidados” de sua madrasta que, ao contrário de Cinderela, não lamenta a morte da figura do provedor, mas pelo

fato de ficarem pobres a partir dali, por não terem condições de administrar as finanças da casa. Eis aqui o emblemático caráter da sociedade patriarcal. Com o marido morto, a casa de Ella caíra na pobreza e ruína. Tal condição justifica a demissão dos empregados por parte da madrasta, que acaba colocando aquela que deveria ser sua “protegida” na condição de “subordinada serviçal”. Um outro ponto é que o pai, com a morte, fica ausente dos acontecimentos do restante da narrativa, tal qual o conto de Charles Perrault.

Depois de algum tempo, Ella decide fugir daquela situação a qual foi submetida e, nessa andança, cruza com aquele que um dia viria a ser o seu salvador, o Príncipe. Deve-se notar que tal situação nunca aconteceu nos contos na sua forma escrita ou oral, sendo proporcionado nesta obra cinematográfica, de uma maneira bastante simbólica. Essa fuga de Ella representa, mesmo que temporariamente, uma espécie de fuga da sua realidade humilhante e sofrida, sendo presenteada com a passagem do príncipe que funciona como um presságio do que viria a acontecer.

Ella não revela seu nome ao Príncipe que se apresenta como Kit. Essa cena é bastante simplória, mostrando que um príncipe possui denominação, enquanto uma “camponesa” não é conhecida por seu nome, e sim por suas funções sociais. Vale ressaltar que a natureza sempre surge como um lugar aonde Ella pode refletir sobre sua vida, pensar a respeito de sua condição, encontrar a paz. Tais elementos são importantes, pois mostra que Ella tenta encontrar forças na própria Natureza, um lugar cheio de paz e harmonia, sem humilhação e sem receios.

Quanto ao Rei, doente, deseja que seu filho se case para garantir a segurança e o futuro do Reino. Nesta parte, o Príncipe já demonstra sua intenção de usar o baile para possivelmente conhecer aquela jovem que encontrara na floresta. Tal situação não acontece no conto, pois neste, o Príncipe nunca vira a misteriosa princesa antes. No entanto, no desenrolar da trama, Ella é proibida de ir ao baile, mas sua fada madrinha surge para lhe dar suporte. Aqui observa-se que a fada madrinha aparece através do elemento *Deus Ex-Machina*, termo latino de origem grega, que significa literalmente "Deus surgido da máquina", e é utilizado para indicar uma solução inesperada, improvável e mirabolante para uma obra ficcional. Nota-se claramente que Ella não teria uma saída para solucionar suas amarras, mas a fada madrinha aparece como uma salvadora da protagonista.

O filme possui fotografia perfeita e roteiro encantador, pois segue quase totalmente os acontecimentos descritos no clássico conto de fadas. O vestido azul de Ella é bastante representativo, ilustrando sua majestade transformada a partir de um vestido antigo de sua mãe, outra personagem ausente no conto. Esse fato mostra o quanto Ella sente falta da sua

mãe, mas também mostra o quanto ambas se amavam e o quanto eram ligadas. O vestido foi uma das coisas que restou da progenitora e representa justamente sua memória e ligação com a filha.

Já no que diz respeito ao baile, se no conto ele tem destaque pela sua simplicidade descritiva e narrativa, o filme mostrou o baile de uma maneira muito pomposa, a ponto de alcançar o exagero. No final, um outro ponto que merece nota é que, após o príncipe encontrar a dona do sapato de cristal, que a liberta, prevalece o poder do perdão, mas aqui a madrasta e suas irmãs tem um final amargurado, ao contrário do conto, em que a Gata Borralheira casa suas irmãs com dois fidalgos. No filme, a madrasta partiu com um grão-duque, levando suas duas filhas, e nunca mais retornaram.

3 PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA: LITERATURA, CINEMA e CONTOS DE FADAS

3.1 CONCEITOS E DEFINIÇÕES DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

Ao longo dos anos o ensino/aprendizagem da literatura vem sendo modificado. A medida que a sociedade se modifica e se transforma surgem novas técnicas, novas práticas pedagógicas que norteiam essa relação. O professor deve ir adequando a prática a esse novo contexto com o objetivo de levar o aluno à produção do conhecimento e ao ensino de qualidade. Partindo desse pressuposto é que a sequência didática vem se destacando na prática docente, por possuir subsídios que possibilitam o aluno a desenvolver a capacidade de construir o conhecimento.

Sequência didática se refere às atividades elaboradas pelo educador de forma organizada e sistematizada que proporcionem o letramento literário e ofereça ao leitor condições para sua formação e reconstrução do mundo no qual ele vive. A sequência didática é vista como um conjunto de atividades unidas entre si que, ao serem planejadas, tem por objetivo, ensinar um conteúdo, etapa por etapa.

A sequência didática deve ser organizada de acordo com os objetivos pretendidos pelo professor para que haja aprendizagem de seus alunos, envolvendo atividades de aprendizagem e de avaliação. Toda sequência didática deve conter os princípios de qualquer trabalho, ela deve ter início e fim. Portanto, quando utilizada para o letramento literário ela requer uma prática significativa e sistematizada de atividades que permitam ao professor atingir os objetivos propostos. Esse processo é de suma importância na elaboração dos objetivos, visto que é através deles que o professor propõe atividades que irão favorecer o letramento literário.

Para a compreensão do valor pedagógico e as razões que justificam uma sequência didática é essencial que se identifique suas fases, atividades que a constitui e as relações que esta estabelece com o objeto de conhecimento, sempre buscando atender as verdadeiras necessidades dos alunos. Assim, para que uma sequência didática alcance seus objetivos, é necessário que ela atenda alguns critérios, tais como:

- Apresentação do professor aos alunos sobre o que irão trabalhar;
- Discussão entre alunos e professores e atividades que deverão ser empregadas na sequência didática;

- Atividades (exercícios e pesquisas) planejadas metodicamente, com a finalidade de desenvolver as capacidades do aluno;
- Avaliação.

O modelo de sequência didática apresentado por Cosson (2014) tem sua inspiração nos escritos de Dolz e Schneuwly (2004) que desenvolveram o trabalho com sequências para serem trabalhados os gêneros textuais, auxiliando o aluno a dominar alguns de forma completa.

No Brasil, a sequência didática surge com os Parâmetros Curriculares Nacionais, em 1998, como "projetos" e "atividades sequenciadas". Nos dias atuais, as sequências didáticas estão ligadas ao estudo de gênero textual, porém quando surgiram eram abertas a diferentes objetos do conhecimento. Em linhas gerais, a sequência didática vem a ser uma grande ferramenta de apoio ao professor para o desenvolvimento da capacidade leitora dos alunos, pois, é importante que sejam incentivadas a prática de leitura das mais variadas formas e de diferentes pontos de vistas:

Uma sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero oral ou escrito [...] Quando nos comunicamos, adaptamo-nos à situação de comunicação [...] Os textos escritos ou orais que produzimos diferenciam-se uns dos outros e isso porque são produzidos em condições diferentes (DOLZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 97).

Portanto, para desenvolver o letramento literário na escola se faz necessário uma *sequência básica* (termo cunhado por Cosson, 2014) de ações que, conforme Cosson (2014, p. 50), “[...] é constituída por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação”. A motivação para uma leitura para o letramento literário permite ao professor e ao aluno fazer da leitura literária uma prática significativa. Nesse sentido, o autor chama a atenção para o simples fato que o letramento literário não acontece apenas no ato de ler, se faz necessário, instigar a leitura de forma crítica e contextualizada. É preciso ressaltar também que a seleção das obras requer um olhar minucioso para a consolidação dos objetivos propostos:

Nesse sentido, cumpre observar que as mais bem-sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem relações estreitas com o texto que se vai ler a seguir. A construção de uma situação em que os alunos devem responder a uma questão ou posicionar-se diante de um tema é uma das maneiras usuais de construção de motivação (COSSON, 2014, p. 55).

A motivação consiste em preparar o aluno para um primeiro contato com o texto, fazendo-o familiarizar-se com o conteúdo da história, de modo que amplie o entendimento e construa novos significados, a partir de discussões a cerca do tema. Esse primeiro contato com o texto é o que vai proporcionar ao leitor o interesse, entusiasmo e aprofundamento da obra. Essa motivação requer um tempo limitado, pois ela pode perder o seu sentido quando prolongado e assim deixa de cumprir o objetivo proposto.

O segundo passo é a introdução, onde é feita a apresentação da obra e do autor elementos que introduzem a obra. Essa primeira apresentação é importante, pois, irá servir de incentivo para aceitação ou não da obra apresentada. A terceira etapa é a leitura a qual o professor é o mediador da leitura através de intervalos para questionamentos. É nesse momento que o professor identifica as dificuldades de leitura dos alunos e assim possa intervir na formação do leitor. A leitura e a interpretação estão interligadas, pois são fases de uma prática voltada para o entendimento, o prazer e o aprofundamento da obra escolhida.

A escolha e apresentação da obra deve ser cuidadosa, pois nem sempre o que o professor acha interessante ou importante é o que deve ser apresentado para o aluno. Se faz necessário que o professor saiba qual direcionamento seguir e a importância da obra para o aluno. Além de que será um momento em que serão levantados debates e outras atividades que serão trabalhadas nas aulas seguintes.

O quarto passo é a interpretação que é quando acontece o processo de entendimento do texto. O qual acontece em dois momentos: o exterior e o interior. No interior acontece quando leitor faz um encontro com a obra, conhece a obra na sua totalidade (palavras, páginas e capítulos). No momento exterior acontece a construção do sentido que é o que o autor chama de materialização da interpretação. A interpretação constitui o entendimento do texto. “As atividades de interpretação, como a entendemos aqui, devem ter como princípio a externalização da leitura, isto é, seu registro” (COSSON, 2014, p. 65).

Portanto, a sequência básica é maleável e pode ser adequada de acordo com a realidade e características da turma. Levando em conta as necessidades de cada professor e aluno. Ressaltando que não se pode perder é o objetivo proposto.

É importante considerar que a sequência didática teve suas contribuições para a aprendizagem da literatura. Porém,

Se fazia necessário uma reflexão maior que, sem abandonar os princípios e os ganhos da sequência básica, incorporasse em um mesmo bloco as diferentes aprendizagens do letramento literário. Foi assim que chegamos a sequência expandida (COSSON, 2014, p.76).

Para o autor a sequência expandida abrange o letramento literário no seu contexto mais amplo, oferece condições para que a prática educativa não se restrinja ao tradicionalismo implícito na sequência básica. Enfatizando que a sequência básica está inserida na sequência expandida. Assim com na sequência básica, a sequência expandida segue as mesmas etapas, mas com duas etapas a mais, que são a segunda interpretação e expansão.

A motivação é a preparação para a leitura do texto, o objetivo é aproximar o leitor do texto que será lido, estabelecendo sempre um limite de tempo que é fundamental para não deixar que o aluno fique disperso perca o foco central do texto. Na introdução, são apresentados o autor e a obra e pode ser realizada de diferentes formas, cabe ao professor decidir qual se adequa melhor a cada obra. A leitura é feita extraclasse e requer um limite de tempo. Na primeira interpretação é feita uma apresentação global da obra, os alunos discutem o texto entre si, o professor é o mediador nesse momento. A contextualização propõe a compreensão do texto de forma mais aprofundada. Cosson (2014, p. 86) apresenta sete contextualizações que podem aprofundar a leitura literária. São elas:

- Contextualização teórica procura tornar explícitas as ideias que sustentam ou estão encenadas na obra.
- Contextualização histórica abre a obra para a época que ela encena ou o período de sua publicação.
- Contextualização estilística responde pela grande demanda dos professores pelo saber literário tradicional.
- Contextualização poética responde pela estruturação ou composição da obra.
- Contextualização crítica trata da recepção do texto literário.
- Contextualização presentificadora ou simplesmente presentificação é uma prática usual nas aulas de literatura do ensino médio, assim como a contextualização temática.
- Contextualização temática e, sem dúvida, o modo mais familiar de tratar uma obra para qualquer leitor dentro ou fora da sala.

A contextualização teórica trata-se da interdisciplinaridade, a proposta é relacionar o tema do texto com conceitos e teorias de outras áreas de conhecimentos. A contextualização histórica trata da dimensão histórica da obra, ou seja, da época que a obra foi publicada, biografia do autor e outros fatores que irão sendo descobertos e discutidos pelos alunos. Na contextualização estilística é analisada os estilos de época e características. A contextualização poética analisa a organização e elementos que a compõe, além da elaboração da linguagem. A contextualização crítica é uma forma de fazer uma revisão da obra diante de outras publicações. Na contextualização presentificadora, a obra é apresentada como forma de relacionar o tema em estudo com a atualidade. Buscando elementos da atualidade que estão

inseridos no texto. A contextualização temática oferece a discussão sobre o tema da obra. Neste ponto, deve-se lembrar que:

Aqui é conveniente que o professor tenha em mente que a contextualização é uma atividade destinada a grupos de alunos e que o grupo do eu sozinho deve ser evitado, já que o objetivo é levar a um aprofundamento compartilhado da leitura (COSSON, 2014, p. 91).

As contextualizações são de suma importância para o letramento literário, podendo ser modificadas, reestruturadas de acordo com a necessidade da turma e os objetivos que se quer alcançar.

A segunda interpretação busca uma apresentação mais aprofundada da obra, e pode estar associada a um contexto (tema, questões históricas, etc.), conforme a contextualização realizada. Finalizando a segunda interpretação encerra também o processo de leitura é o momento de relacionar a obra lida com outras já existentes, dentro do contexto das relações textuais. A avaliação nesse processo é baseada nos avanços e conseqüentemente nas dificuldades encontradas em torno de análise para superação.

A sequência expandida não é o único direcionamento ao letramento literário, ela é mais longa e pode ser ampliada dentro das necessidades dos alunos. É um caminho que só o professor pode direcionar, visto que só ele sabe da realidade dos seus alunos, quais seus anseios e desejos de aprendizado. Por ser um trabalho que leva um tempo razoável, se faz necessário que o professor tenha um limite de leituras de obras, pois o que importa não é a quantidade lida, mas a qualidade da leitura. A qualidade é o que leva o aluno ao letramento literário. Nesse sentido Cosson (2014) afirma que:

[...] ao percorrer todos os passos da sequência expandida, o aluno realiza uma leitura aprofundada da obra literária, que dificilmente seria alcançada se o professor privilegiasse a leitura de um número maior de obras.

É importante destacar que o objetivo do professor em trabalhar com a sequência expandida é promover o letramento literário e desenvolver no aluno a capacidade de compreensão da obra lida.

Uma sequência didática deve ajudar o professor organizar suas atividades de ensino em função de uma aprendizagem significativa baseada na interação entre o ensinar e o aprender. Portanto, a sequência visa favorecer a mudança e a promoção dos alunos no tocante do domínio dos gêneros e das situações de comunicação. Para tanto, a organização de base de uma sequência, deve conter abertura, seguida da apresentação da situação de estudo na qual é

descrita de maneira detalhada a tarefa de exposição oral ou escrita que os alunos deverão realizar. No entanto, é importante ressaltar que a sequência didática precisa ser realizada num espaço de tempo determinado, mas que possibilite a aprendizagem do aluno, permitindo assim que os alunos tenham um acesso progressivo e sistemático aos instrumentos comunicativos e linguísticos necessários para uma produção de textos em diferentes gêneros textuais. Assim, uma sequência didática tem a finalidade de expor um tema, etapa por etapa, e organizando cada etapa de acordo com os objetivos que o professor quer alcançar, envolvendo o aluno em todas etapas desse processo.

Sendo trabalhada dessa forma, a sequência didática permite que o professor possa intervir para interpretação do tema trabalhado e introduzir mudanças ou novas atividades para aperfeiçoar sua aula e torná-la facilitadora no processo da aprendizagem. Através da sequência didática pode-se expor as ideias prévias dos alunos e apresentar situações problematizadoras que os envolvam numa dinâmica de aprendizagem significativa com aprofundamento de conceitos e saberes.

É importante considerar que atualmente a educação vive uma problemática em relação ao letramento literário. Enquanto nos discursos pedagógicos ninguém é capaz de negar a importância social de abordar, em todos os níveis pedagógicos, o conhecimento literário, a literatura não tem sido trabalhada com eficácia na prática cotidiana das escolas. É notório que o conhecimento literário em nossas escolas, ocupa um lugar secundário.

Nesse sentido, a sequência didática é importante para o letramento literário porque possibilita que haja um trabalho organizado gradativamente, facilitando a evolução e o aprofundamento em conceitos e em saberes, à medida que a curiosidade dos alunos é estimulada dentro das atividades de sala de aula.

Como é possível observar, a sequência didática faz com que o professor não trabalhe apenas um conhecimento em detrimento do outro, de modo que, quando não há um planejamento criterioso de uma sequência, mesmo que de forma involuntária, acaba-se por optar e desenvolver muitas ações de um campo específico do conhecimento, como de língua ou de matemática, por exemplo, e acaba-se por deixar de lado áreas como artes visuais, movimento, dentre outros saberes imprescindíveis para o desenvolvimento do processo educacional.

Uma sequência didática possibilita que o professor organize seu trabalho, ampliando assim, o repertório, por meio da previsão de materiais e novas possibilidades de trabalho. Uma boa sequência didática, auxilia o professor ao ampliar seus horizontes, garantindo segurança em relação as suas intenções pedagógicas.

Assim, um profissional seguro, que trabalha embasado em uma boa sequência didática, é capaz de deixar a condução do projeto nas “mãos de seus alunos”, do coletivo do grupo e, sabe-se que adotar esta metodologia de trabalho é uma questão de princípios, confiança e muita coragem, sobretudo porque tem-se como premissa que as atividades a serem executadas para o letramento literário devem ser planejadas de forma que o aluno comece a perceber que não basta ler por ler, mas abstrair o verdadeiro sentido da leitura.

É de fundamental importância que uma sequência didática não precisa ser seguida em um tempo determinado, tem total autonomia para colocá-la em prática, considerando sempre o interesse e o momento vivido por seu grupo. Ao fazer uso da sequência didática, o professor, busca um meio de desenvolver o conhecimento pedagógico que o conteúdo apresenta na perspectiva de reflexão e mediação, buscando assim, a construção do conhecimento compartilhado, coletiva onde haja a colaboração mútua.

Autores como Shulman (1986) relatam em seus escritos que o conhecimento pedagógico do conteúdo, tem raízes nas interpretações e transformações dos professores, quando estes, trabalham realizando analogias, representações, exemplificações e explicações, tudo para que o conteúdo mais seja melhor compreendido pelos alunos. O conhecimento pedagógico que vai além do saber do conteúdo inclui as implicações do processo de ensino-aprendizagem associadas às estratégias utilizadas pelo professor para facilitar a aprendizagem do aluno.

Assim, o trabalho do professor que faz uso da sequência didática abre para ele um novo campo de visão em relação à organização curricular, dando ênfase ao ensino que busca o aprendizado, por meio de condições reais do cotidiano, partindo de problematizações que levem o aluno a conferir o seu conhecimento prévio com o conhecimento apresentado no espaço de aprendizagem, trabalhar com a sequência didática favorece ao aluno a aprendizagem significativa e elaborada num contexto amplo de leitura, possibilitando o educando a condição de refletir e construir novos significados.

O trabalho com a sequência didática é importante sob vários aspectos, pois desenvolve habilidades que agem como facilitadores dos processos de aprendizagem. Estas habilidades podem ser observadas no aumento do vocabulário, nas referências textuais, na interpretação de textos, na ampliação do repertório linguístico, na reflexão, na criticidade e na criatividade:

É importante que sejam incentivadas as leituras também das entrelinhas, que sejam exercitadas as diferentes formas de se abordar um mesmo conteúdo ou uma mesma sequência de fatos, imaginando-se a história contada de outros pontos de vista por exemplo, que se comparem textos diferentes sobre um mesmo assunto, que se busquem referências a outros textos neste que está sendo lido (intertextualidade) que

se incentive o posicionamento do aluno a respeito das ações... que utilizem e exercitem níveis superiores de pensamento, como a inferência, a comparação, a formulação de perguntas, de uma ideia ou conclusão, a busca de justificativas ou argumentação, o estabelecimento de relações, a imaginação, etc. (BALDI, 2009, p.47).

Estas habilidades propiciariam ao aluno novas descobertas. Além de ampliar os conhecimentos de mundo dos alunos, possibilitando reflexões por parte do leitor. As decisões de planejamento devem acontecer com antecipação e são basicamente orientadas pelos objetivos que se deseja alcançar. Entretanto, na complexidade do encontro social, nem tudo o que o professor prevê efetivamente acontece e faz-se necessário fazer certas escolhas no decorrer da aula, adaptando seus planos às reações dos alunos: são as decisões de interação. A todo o momento o professor deve fazer escolhas em termos do “o quê”, do “como” e do “quando” ensinar. Portanto, a sequência possibilita o gerenciamento e as relações sociais a serem estabelecidas durante o processo ensino/aprendizagem. Assim,

A exploração do contexto da obra faz parte do espaço da literatura em sala de aula, até porque, ao dizer o mundo, a literatura envolve os mais variados conhecimentos que também passam pela escola em outros textos e disciplinas. Estabelecer essa relação, mostrar esses vínculos não prejudica a leitura literária, como acreditam alguns; ao contrário, pode ser uma contribuição relevante para firmar ou ampliar o entendimento da história que se está lendo (COSSON, 2010, p. 63).

Sabe-se que, gradativamente, o ato de ler por ler foi dando lugar a uma compreensão mais ampla sobre a relação que há entre a literatura e o ensino. O autor acima citado enfatiza a necessidade da contextualização, que é um dos passos da sequência didática, onde o professor explora os mais variados conhecimentos utilizando-se de estratégias que possibilitem não só a compreensão da obra lida e a formação do leitor, mas a formação cidadã em toda sua totalidade. Sobre isso, Libanêo (1999, p. 34) afirma:

A atitude interdisciplinar requer uma mudança conceitual no pensamento e na prática docente, pois, seus alunos não conseguirão pensar interdisciplinarmente se o professor lhes oferecer um saber fragmentado e descontextualizado. Ações que visam o letramento literário utilizando a sequência didática necessitam da contextualização e interdisciplinaridade. Esses fatores são instrumentos essenciais para o ensino/aprendizagem.

A sequência didática possui características fundamentais para que o professor esqueça a concepção tecnicista de ensino, e envolva os alunos no sistema de aprendizagem contínua, plena de saberes e conhecimentos necessários para o seu desenvolvimento social e cultural. Nesse sentido:

Proporcionar ao aluno uma aprendizagem significativa supõe da parte do professor conhecer e compreender motivações, interesses, necessidades de alunos diferentes entre si, capacidades de comunicação com o mundo do outro, sensibilidade para situar a relação docente no contexto físico, social e cultural do aluno (LIBANÊO,1999, p. 44).

A sequência didática propicia ao professor uma nova concepção para o ensino. Um ensino que promova um aprendizado efetivo, levando em consideração as diferentes capacidades e formas de aprendizagem de cada um. Isso implica dizer que, para atingir tais objetivos, se faz necessário um bom planejamento e assim o professor possa atingi-los em sua totalidade. Para tanto, deve-se ter em mente que:

O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias (BRASIL, 1998, p. 48).

Brasil (1998) deixa claro que o letramento literário não deve ser apresentado apenas como pré-requisito de debates sobre determinados assuntos, é necessária uma abordagem mais ampla e com perspectivas de formar um leitor que leia nas entrelinhas, que descubra a essência do texto literário em sua maior amplitude. Nesse sentido, o letramento literário acontece de forma gradativa e de acordo com o que lhe é oferecido como subsídios para seu entendimento, sobretudo porque:

As necessidades dos alunos definem-se a partir dos objetivos colocados para o ensino. As possibilidades de aprendizagem, por sua vez, definem-se a partir do grau de complexidade do objeto e das exigências da tarefa proposta. Ambas necessidades e possibilidades são determinadas pelos conhecimentos já construídos pelos alunos (BRASIL, 1998, p. 53).

O papel do professor é de formar leitores e não meros consumidores de obras sem nenhum conhecimento adquirido. Entretanto, quando a leitura é vista como um “hábito” e trabalhada somente para a finalidade de acesso aos conhecimentos, essa atividade torna-se apenas um instrumento de mecanização do ato educacional, e a relação que se estabelece entre leitor e leitura é algo alheio a sua realidade. Havendo sempre uma seleção prévia da obra e adequando-a às necessidades e realidades do educando. Assim, a leitura do texto torna-se vinculada ao seu repertório cotidiano de significações, e se torna um instrumento para além do

seu uso prático no mundo letrado. A sequência didática nesse caso possibilita que o aluno desenvolva competências de um leitor atuante quando constituída de ações planejadas e que viabilizarão a formação do conhecimento.

3.2 SEQUÊNCIA DIDÁTICA: CINEMA E LITERATURA

Como foi exposto anteriormente, a sequência didática é fundamental para que o professor possa alcançar seus objetivos. Através do planejamento, pode-se refletir sobre a melhor forma de execução das atividades em sala de aula, sendo assim, propõe-se aqui, a execução de duas sequências didáticas para as turmas do Ensino Fundamental II. A primeira é uma sequência básica e, a segunda, é uma sequência expandida, utilizando o texto literário, no caso, um conto de fadas e sua adaptação para o cinema.

SEQUÊNCIA BÁSICA

O conto escolhido para ser trabalhado é *A Gata Borralheira* (1697), do escritor Charles Perrault, e o filme *Cinderela* (2015). As obras englobam uma temática romântica, embora também enfoquem a questão do dinheiro e do poder. Demonstram o que as pessoas podem fazer quando obcecados pelo dinheiro.

A motivação será realizada através da exibição do filme *Cinderela* (2015), levando em consideração que o filme pode possibilitar uma maior expressão das mais diferentes emoções, sendo utilizado para despertar o gosto pela leitura da obra literária que deu origem a adaptação, familiarizando o aluno com a obra que será trabalhada, possibilitando uma ampliação do conhecimento e a construção de novos significados a partir da discussão do tema.

Tal sequência didática terá início pelo professor, onde exibirá o filme e, em seguida, fará um questionamento sobre questões, tais como: se tal história já era de conhecimento dos alunos; se em algum momento já tiveram acesso ou ouviram sobre ela, através de diálogos com amigos, no seu convívio familiar ou até em filmes ou séries de televisão baseados no conto que será trabalhado. A partir desses questionamentos o professor irá iniciar um momento de discussão na sala, em que aos alunos será dada a oportunidade para se manifestarem a respeito do filme: sua ideia geral, a mensagem que ele apresenta, seus personagens, etc. Nesse primeiro momento, as aulas terão como base ideias gerais sobre as

obras que irão ser trabalhadas, já que as análises e estudos serão feitas em outros momentos. Por fim, o professor dará início as atividades de interpretações.

Logo após a motivação, será o momento da Introdução, onde será apresentado o modo como a obra é exibida para o público leitor, ou seja, a diagramação da obra impressa, e a maneira como isso pode ajudar a compreender o conto que irá ser trabalhado. Figuras, ilustrações, subtítulos, orelha do livro, cores apresentadas na capa e no livro completo são pontos que podem ser de grande importância para a compreensão do conto. Nesse momento é de grande importância que o professor crie caminhos para que o aluno chegue às conclusões da interpretação do formato do livro e que eles mesmos construam esse momento de análise e interpretação. Posteriormente, será apresentado pelo professor uma básica biografia do autor com algumas curiosidades, dados bibliográficos e uma justificativa da escolha da obra. Daí já se configura o adentramento no momento seguinte com uma breve discussão do tema do filme, assim os alunos se sentirão instigados a fazer a leitura da obra.

A terceira etapa será a leitura da obra, que ocorrerá em dois momentos pelo fato de não ser longa. Primeiramente, pelos próprios alunos de forma silenciosa e individual, assim favorecendo a ele uma maior concentração na leitura da obra, possibilitando uma compreensão maior e mais facilidade e rapidez em compreender as ideias contidas no conto. Será dito pelo professor que, no momento da leitura silenciosa, os alunos devem destacar os pontos principais, os que mais lhe interessaram. Ao finalizar a leitura silenciosa, o professor guiará a turma em uma segunda leitura só que, dessa vez, oralmente, onde ele fará algumas intervenções, com o objetivo de identificar as dificuldades de leitura do aluno e, conseqüentemente, ajudá-los no processo de leitura.

Feita a leitura do texto, parte-se para o segundo momento de Interpretação, já que durante a etapa da leitura, os próprios alunos realizaram a interpretação interior do conto, que consiste em uma experiência de encontro entre leitor e obra, a qual não pode ser substituído por nenhum outro meio de intermediação. A interpretação externa se inicia nesse momento, em que o professor juntamente com os alunos fará a interpretação do conto, anotando e levantando questões em cima dos momentos selecionados pelos alunos.

É de grande importância que o professor abra e ofereça caminhos para que o aluno se expresse e defenda seus comentários e opiniões acerca da obra, já que é um momento dedicado e aberto para que o aluno se manifeste e assim desenvolver seu letramento literário. Será também ressaltado nessa etapa o filme assistido durante a motivação. O professor irá discutir junto com os alunos as semelhanças e diferenças na composição de cada arte e tentar

buscar sentidos para tais pontos, o porquê de tal aspecto estar presente em uma, mas não estar na outra.

Por fim, o professor criará um momento de *feedback*, perguntando aos alunos opiniões e comentários acerca das atividades que foram realizadas, para assim, ele acrescentar ideias ou retirar algumas que não foram bem sucedidas. Esse momento é de grande importância, pois nele é que será notado como foi a recepção da sequência pelos alunos e quais as vantagens que se tem ao trabalhar dessa maneira, usar o cinema para atrair o aluno ao mundo literário.

Ao findar toda execução da sequência didática, o professor deverá fazer uma avaliação de todo processo, analisando o desempenho dos alunos e também do próprio professor, baseada nos avanços e nas dificuldades encontradas durante o acompanhamento da leitura, discussão e o registro da interpretação, permitindo assim, uma visão geral dos resultados, que podem ser corrigidos ou que confirmem os procedimentos adotados. Durante o processo avaliativo o professor deve ter em mente que a leitura literária é um processo em constante evolução e que quanto mais praticado melhor será o desempenho dos alunos.

SEQUÊNCIA EXPANDIDA

A sequência expandida é uma extensão da sequência básica, devendo ser desenvolvida durante um espaço de tempo maior, por contemplar mais etapas que a básica. Ela proporciona um aprofundamento maior da interpretação da obra e, conseqüentemente, uma ampliação do conhecimento dos alunos, além de uma efetiva prática de letramento literário.

Como a sequência expandida demanda uma aplicação de tempo bem maior que a básica, propõe-se aqui uma sequência utilizando o conto *A Gata Borralheira*, do escritor Charles Perrault, o conto *A Gata Borralheira*, dos irmãos escritores Jacob e Wilhelm Grimm, e o filme *Cinderela* (2015). As obras englobam uma temática romântica, embora também enfoquem a questão do dinheiro, do poder e do caráter.

A motivação será realizada através da exibição do filme *Cinderela* (2015), levando em consideração que o mesmo pode possibilitar uma maior expressão das mais diferentes emoções, sendo utilizado para despertar o gosto pela leitura da obra literária que deu origem a adaptação, familiarizando o aluno com a obra que será trabalhada, possibilitando uma ampliação do conhecimento e a construção de novos significados a partir da discussão do tema.

O professor, logo após a motivação, poderá trabalhar com a apresentação de outra obra que esteja relacionada com a que será lida. Além do filme, outras versões do conto, como por exemplo, a versão dos escritores Jacob e Wilhelm Grimm. Posteriormente, será apresentada pelo professor uma básica biografia do autor com algumas curiosidades, dados bibliográficos e uma justificativa da escolha da obra, realizada através de exposição oral. Daí já se configura o adentramento no momento seguinte com uma breve discussão do tema do filme, assim os alunos se sentirão instigados a fazer a leitura da obra.

A terceira etapa será a leitura da obra, que ocorrerá em dois momentos pelo fato de não ser longa. Primeiramente, pelos próprios alunos de forma silenciosa e individual, assim favorecendo a eles uma maior concentração na leitura da obra, possibilitando uma compreensão maior e mais facilidade e rapidez em compreender as ideias contidas no conto. Será dito pelo professor que, no momento da leitura silenciosa, os alunos devem destacar os pontos principais, os que mais lhe interessaram. Ao finalizar a leitura silenciosa, o professor guiará a turma em uma segunda leitura só que, dessa vez, oralmente, onde ele fará algumas intervenções, com o objetivo de identificar as dificuldades de leitura dos alunos e, conseqüentemente, ajudá-los no processo de leitura. O professor poderá solicitar dos alunos que leiam, em casa, o conto *A Gata Borralheira*, a versão dos escritores Jacob e Wilhelm Grimm, para que seja ampliada ainda mais a discussão sobre o conto, podendo ser realizado um momento de aproximação das obras.

A interpretação na sequência expandida acontece em dois momentos distintos, sendo a primeira interpretação feita, preferencialmente, em sala de aula, onde os alunos farão o registro a respeito do texto que leram, expressando seus sentimentos em relação as obras de forma geral. Essa primeira interpretação pode ocorrer através do relato escrito, registrando o depoimento do aluno, respeitando a liberdade de dizerem o que pensam sobre a obra sem impor limites de forma, o professor disponibilizará o tempo para sua conclusão e deverá evitar, neste momento, debates ou atividades em grupos, esse é um momento individual de experiência impar do aluno com texto.

A segunda interpretação só acontece após a contextualização, que propõe a compreensão da obra de forma mais aprofundada, através de vários contextos que estão inseridos na própria obra. O número de contextos pode variar, por serem muitas as maneiras da obra ser explorada, elenquei algumas possíveis contextualizações que sua exploração na sala de aula depende do professor, ou seja, o professor pode diminuir ou expandir o número de contextualizações.

Conforme a proposta de Cosson (2014), a contextualização teórica trata-se da interdisciplinaridade; a proposta é relacionar o tema do texto com conceitos e teorias de outras áreas de conhecimentos. No conto *A gata borralheira* o professor pode explorar as relações de gênero: a construção das personagens femininas, como ela está sendo apresentada no texto, bem como a figura masculina e sua representação. A contextualização histórica trata da dimensão histórica da obra, ou seja, da época que a obra foi publicada, de acordo com o interesse do aluno o professor poderá fazer um aprofundamento da biografia do autor e das condições de publicação da época, aprofundando a leitura através de uma pesquisa extraclasse sobre a diversidade de versões do conto e suas publicações.

No caso da contextualização estilística, é através dela que se analisa o período literário da época e características da obra, em *A gata borralheira* o fantástico pode ser estudado a partir do contraponto com o real que conduz os escritores a manifestarem em suas obras certa preferência pelo belo, pelo elevado, é mostrada a diferença entre o imaginário e o real. Com relação à contextualização poética, através dela se analisa a organização e composição da obra, além da elaboração da linguagem, personagens, tempo, espaço, prioriza-se a leitura da obra de dentro para fora, do mundo como foi constituída em termos de tessitura verbal. O conto pode ser analisado a partir da estrutura opositiva na construção das personagens, comparando as ações da gata borralheira a de suas irmãs e madrasta.

A contextualização crítica é uma forma de fazer uma revisão da obra diante de outras publicações, analisando outras leituras que falam sobre a obra, o aluno deverá ampliar sua visão e acrescentar conhecimentos que até então ele não havia despertado por meio de pesquisas em manuais, livros didáticos e textos na internet, abordando uma visão sobre o conto que o aluno não tinha conhecimento, pode ainda ser um ponto de confronto enriquecedor, proporcionar um grande aprendizado.

No que diz respeito à contextualização presentificadora, nela, a obra é apresentada como forma de relacionar o tema em estudo com a atualidade, buscando elementos da atualidade que estão inseridos no texto, no conto *A gata borralheira* pode-se trabalhar a representação da mulher fazendo um contraponto com a realidade, a mulher de hoje apresenta características/modelo de uma princesa: bela, gentil e delicada, passiva a espera de um príncipe encantado ou pelo contrário, é subversiva, rebelde, tem voz ativa e toma iniciativa, tal como a madrasta do conto, abordando ainda a rivalidade entre irmãos, inveja, cobiça, consumismo, entre outros temas, o aluno fará uma produção textual de recontagem do conto para a atualidade.

A contextualização temática oferece a discussão sobre o tema da obra, sendo o modo mais familiar de tratar o texto, onde o aluno pode identificar vários temas abordados na obra, os alunos farão anotações dos temas que mais lhes chamaram a atenção, como por exemplo: a questão da posição social, a representação da mulher, a bondade, a maldade, princípios, valores, entre outros aspectos.

Para o desenvolvimento da atividade de contextualização o professor deve dividir a turma em grupos, ficando cada grupo responsável por uma pesquisa diferente que, depois, será compartilhada com os colegas. Cabe ao professor refletir sobre quais contextualizações deve ser aplicada e também planejar contextualizações diferentes destas propostas neste trabalho.

Logo após as contextualizações, o professor dará início a segunda interpretação que, diferente da primeira interpretação, proporciona ao aluno uma visão geral da obra. A segunda interpretação tem por objetivo o aprofundamento do texto em determinado aspecto de acordo com a contextualização pretendida. A segunda interpretação pode acontecer de forma indireta e direta. Indireta quando o aluno faz o desenvolvimento de cada contextualização separada da interpretação sem estabelecer uma ligação imediata com a atividade seguinte, e de forma direta, quando a contextualização e a segunda interpretação acontecem de forma simultânea, o aluno relaciona a contextualização a segunda interpretação por meio do aspecto a ser abordado na obra.

O professor deverá solicitar do aluno um ou dois passos para abordar um aspecto específico da obra, podendo seus resultados serem executados também na forma de projeto, proporcionando um aprofundamento ainda maior sobre a obra, permitindo uma autonomia na leitura, um equilíbrio entre contextualização e segunda interpretação e uma variedade de interpretações, por exigir que o aluno faça um registro formal da pesquisa realizada. O projeto proporciona um acompanhamento das atividades e, assim, possibilita ao professor uma visão maior da aprendizagem que os alunos estão tendo.

É importante que essas atividades sejam desenvolvidas pelos alunos em dupla ou em grupos de menor número possível, para que haja uma troca maior de conhecimentos. O registro formal delas pode ser feito de várias maneiras, como por exemplo, através de relatórios, seminários, exposição de cartazes e até a organização de todos os trabalhos da turma em forma de livro; essa última forma de registro poderia ser utilizada para incentivar ainda mais esse tipo de atividade. Através da confecção de um livro o professor poderá organizar um evento para divulgar com a comunidade escolar os trabalhos desenvolvidos pelos alunos. O evento pode ser utilizado como forma de valorização do trabalho desenvolvido,

incentivando os alunos a leitura e a produção textual, efetivando assim o progresso na realização do letramento literário.

Com o fim da segunda interpretação o professor dará início à exploração de diálogos que a obra realiza com outros textos, que de alguma forma dialogam e/ou foram inspiradas na obra estudada. Neste momento, o professor deverá incentivar os alunos a buscarem uma relação intertextual, estabelecendo relações e diálogos. A expansão é uma etapa da sequência didática essencialmente comparativa, proporcionando ao alunos a percepção de contrastes e confronto para estabelecer as semelhanças ou pontos de ligação entre obras. Não existem fronteiras para a comparação quanto ao tipo de obra; o professor deverá questionar os alunos se conhecem alguma outra obra que eles acham parecidas com a obra interpretada, podendo ser: filmes, músicas, séries de televisão, contos, entre outros.

Neste momento, a obra cinematográfica que foi utilizada como motivação no início dessa sequência será comparada com o conto analisado. O professor deverá solicitar um registro dessa expansão, onde o aluno discorrerá acerca da sua percepção sobre as relações entre as obras analisadas. A expansão poderá ser utilizada para a escolha da próxima obra a ser estudada e assim iniciar uma nova sequência ou reiniciar a que já foi trabalhada.

A avaliação da sequência expandida esta pautada em pontos de apoio que analisam o desempenho dos alunos e também do próprio professor, que pode ser dividida em dois momentos, um antes e outro depois da segunda interpretação. Antes da segunda interpretação fazendo o acompanha da leitura, discursões e registro da interpretação, depois da segunda interpretação, a avaliação acontece em torno das discursões, registro de interpretação e no registro da expansão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foram discutidas questões importantes sobre leitura, letramento literário, o ensino de literatura através do cinema, o resgate da importância dos contos de fadas e, por último, a utilização da sequência didática em sala de aula, levantando-se indagações sobre o que é, qual a importância e sua contribuição para o ensino.

Baseado em um apanhado de teóricos que discorre sobre tais temas, essa pesquisa trouxe reflexões sobre a importância da leitura em sala de aula, entrando em cena o resgate da importância dos contos de fadas para a formação do leitor, que pode, através destes, ser estimulado a desenvolver o gosto pela leitura literária. O conto de fada é um texto pouco trabalhado em sala de aula, por muitos o considerarem sem muita importância, apesar de ser um dos gêneros de maior apreciação, por parte dos alunos.

Esta pesquisa buscou levantar questões para instigar a prática de leitura literária, sabendo-se que não é uma tarefa fácil, principalmente pelo momento em que se vive na atualidade, a rapidez que as transformações e informações acontecem, em especial, a comunicação e, pensando nessa agilidade de informações, as mídias audiovisuais, sobretudo o cinema, ele pode servir de suporte para o ensino de literatura, não no sentido de substituir o a leitura do texto, mas sim como fomentador de uma mediação, despertando no aluno interesse de ler o texto. O preparo do professor é fundamental para que essa mediação alcance seus objetivos, por isso é necessário que o professor esteja preparado para poder motivar os alunos nessa árdua tarefa, que é despertar o interesse pela leitura.

Para tanto, um recurso atraentes são as adaptações fílmicas baseadas em obras literárias. Para sua utilização em sala de aula é fundamental que o professor esteja preparado para utilizar esses novos meios de comunicação e através destes despertar nos alunos a curiosidade em conhecer o texto que deu origem aquele filme.

A utilização de sequência didática é posto nesse trabalho como fundamental para que a leitura literária seja uma prática efetiva em sala de aula, para que o resgate do trabalho com contos de fadas seja efetivado e que o cinema seja visto como facilitador no ensino de literatura, proporcionando novas possibilidades de conhecimento aos discentes.

As ideias expostas nesse trabalho devem ser postas em prática para proporcionar um melhor desempenho do professor em sala de aula, servindo de subsídio para a utilização do ensino de literatura através do cinema, tornando sua prática mais efetiva no dia a dia.

Após a explanação de várias referências teóricas sobre o tema o ensino de literatura através do cinema foi apresentada uma análise do conto *Cinderela* ou *A gata borralheira*, na versão de Charles Perrault e a análise do filme *Cinderela* (2015), após essas análises individuais foi feita a comparação das duas obras, no intuito de demonstrar o quanto elas, juntas, possibilitam a troca de experiências entre literatura e cinema.

Assim, essa pesquisa expõe uma proposta de aplicação da sequência didática utilizando os contos de fadas e o cinema, que deve servir de modelo para qualquer professor de literatura, utilizando o cinema para proporcionar um estímulo para conhecer o texto literário e para refletir sobre o diálogo das duas artes, proporcionando aos alunos e professores ganhos significativos.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMOVICH, Fany. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. 2. Ed. São Paulo: Papiros, 1994.
- AMORIM, Marcel Alvaro de. (Re) Criando Shakespeare: *Adaptação cinematográfica de obras literárias como prática de leitura*. – Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- AZERREDO, Genilda. Literatura, cinema, adaptação. In: *Graphos*. Revista de Pós-Graduação em Literatura da UFPB. Ano I, vol. 2. João Pessoa: EDUFPB, 1996.
- BALDI, Elizabeth. *Leitura nas séries iniciais: uma proposta para a formação de leitores de literatura*. Porto Alegre Editora Projeto, 2009.
- BARBOSA, José Juvêncio. *Alfabetização e leitura*. São Paulo: Cortez, 2ª Ed. 1994.
- BAZIN, André. Por um cinema impuro: defesa da adaptação. In: BAZIN, André. *O cinema: ensaios*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei, nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996*.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: 1997-1998.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental: Língua Portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/ SEF, 1998*.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais : terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 2001*.
- BRITO, João Batista. *Imagens Amadas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1995.
- BRITO, João Batista. *Literatura no cinema*. São Paulo: Unimarco, 2006.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul/Duas Cidades, 2006.
- COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas*. São Paulo: Ática. 1991.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna. 2000.
- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola/Teresa Colomer*. São Paulo: Global, 2007.
- CORDEIRO, G. S. Escrevendo Narrativas de aventuras de viagens na 3ª série do ensino fundamental. In. *Anais da III Conferência de Pesquisa sociocultural*, São Paulo mercado de Letras, 2000.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. São Paulo: Cortez, 2006.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2.ed. 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e para o escrito: apresentação de um procedimento. In.: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

GUIMARÃES, Denise Azevedo Duarte. Teoria(s) da adaptação e as aporias da fidelidade. – Tuiuti: Ciência e Cultura. Curitiba: 2012.

_____. *Literatura: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (coleção Explorando o Ensino; v.20).

LIBÂNEO, José C. *Adeus professor. Adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente*. 3ª ed. São Paulo:Cortez, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. *DIDÁTICA do professor*. Editora: Cortez, 1994.

MACHADO, Ana Maria (2002). *Como e porque ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura?* 19ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994- (Coleção Primeiros Passos).

MATTA, Sozângela Schemimi da. *Português - Linguagem e Interação*. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro Ltda. 2009.

PELLEGRINI, Tânia *et. al.* *Literatura e Televisão*. São Paulo: Editora Senac e Instituto Itaú de Cultura, 2003.

ROJO, R. Modelização didática e planejamento: duas práticas esquecidas dos professores? In.: KLEIMAN, A. *A formação do professor*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

RUFINO, C.; GOMES, W. *A importância da literatura infantil para o desenvolvimento da criança na fase da pré-escola*. São José dos Campos: Univap, 1999.

SALES, Francisco Luiz Oliveira. *Cinema e verdade*. São Paulo: Companhia das Letras e Rio de Janeiro: Fundação do Cinema Brasileiro, 1988.

SOARES, M. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, R. & SILVA, E. T. (orgs.) *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. Porto Alegre. Mercado Aberto, 2004.

SOARES, Maria Inês Bizzoto. *Alfabetização Linguística: da teoria a prática*. Belo Horizonte: Dimensão, 2010.

STAM, Robert. *A literatura através do cinema: realismo, magia e arte da adaptação*. – Belo horizonte: Editora UFMG, 2008.

STAM, Robert. *Teoria e Prática da Adaptação: Da Fidelidade à Intertextualidade*. (2006, p. 49). In: CORSEUIL, Anelise R. (ed): *Ilha do desterro: Film Beyond Boundaries*. – Florianópolis: UFSC, nº 51, Jul/Dez 2006

XAVIER, Ismael (Org.) *O cinema no século*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FILMOGRAFIA

A BELA ADORMECIDA. Direção: Les Clark, Eric Larson e Wolfgang Reitherman; Roteiro: Erdman Penner e outros. Título original: *Sleeping Beauty*; Distribuidores: Wall Disney e Buena Vista Estúdios, 1959.

AUTO da compadecida. Direção: Guel Arraes. Roteiro: Adriana Falcão. 2000. Elenco: Matheus Nachtergaele; Selton Mello. Globo Filmes. Distribuição: Columbia Tristar. Duração: 104 min. 1999.

CINDERELLA. Título no Brasil: Cinderela Título Original: Cinderella. Ano de Lançamento: 2015 Gênero: Aventura / Romance País de Origem: EUA Duração: 105 minutos Direção: Kenneth Branagh Estúdio/Distrib.: Walt Disney Pictures. Idade Indicativa: Livre

DOM. Direção e roteiro: Moacyr Góes. Elenco: Marcos Palmeira; Maria Fernanda Cândido; Bruno Garcia. Distribuição: Warner Bros. Duração: 91 min. 2003.

MALÉVOLA. Direção: Robert Stromberg; Roteiro: Linda Woolverton e Paul Dini. Título Original: *Maleficent*. Distribuidores: Wall Disney e Buena Vista Estúdios, 2014.

WEBLIOGRAFIA

PERREAULT, Charles. *A Gata Borralheira*. Disponível em: <http://www.portal-biblon.com/files/gatab.pdf>

LAUREN; Filme - Resenha #14 - Cinderela (2015). 2015, (s.p.). Disponível em: <http://blograzoesliterarias.blogspot.com.br/2015/07/filme-resenha-13-cinderela-2015.html>. Acesso em 11 de Março de 2016.

SHULMAN, L. S. Conocimiento y enseñanza: fundamentos de la nueva reforma. Profesorado. Revista de currículum y formación del profesorado Granada-España, ano 9, n. 2, 2005b, p. 1-30. Disponível em: <<http://www.ugr.es/~recfpro/rev92ART1.pdf>>. Acesso em 06 de Março de 2016.